

# CARACTERIZAÇÃO TIPOLÓGICA DAS FACHADAS DAS IGREJAS PAROQUIAIS DA ANTIGA COMARCA ECLESIÁSTICA DA FEIRA (SÉCULOS XVII-XX)\*

SOFIA NUNES VECHINA\*\*

## INTRODUÇÃO

A *fachada*, como afirma Raphael Bluteau, é a «face do edifício» ou «toda a frontaria de um edifício»<sup>1</sup>, por conseguinte, é o reflexo visível da sua função e da capacidade económica do seu proprietário.

Na arquitetura civil, se considerarmos a fachada da Casa Nobre, facilmente detetamos o poder socioeconómico do seu proprietário, através da existência e configuração artística de elementos como o brasão, a torre, a capela, ou ainda a escadaria exterior. No que respeita às funções para as quais o edifício foi concebido, verifica-se o enobrecimento artístico dos elementos arquitetónicos correspondentes ao *andar nobre*, portanto às dependências afetas à família, normalmente no primeiro piso. Enquanto as dependências afetas aos serviços são arquitetonicamente mais singelas.

O mesmo se verifica nas casas de habitação e/ou de comércio, com fachada revestida a azulejo no século XIX e XX, por vezes, enobrecida com balaustres, pinhas, urnas, estátuas alegóricas e telhões cerâmicos. No revestimento azulejar podem

---

\* Este artigo resulta da comunicação apresentada na 3ª Jornada de História da Arquitetura Portuguesa, a convite do meu orientador de projeto de doutoramento, Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha (FLUP/CITCEM), a quem dedico o presente trabalho, agradecendo o rigor e a exigência profissional, a livre e clara transmissão de Conhecimento, a capacidade humana e a paciência amiga, de quem me acompanha profissionalmente desde 2005.

\*\* Doutora em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Investigadora CITCEM. sofiavechina@gmail.com.

<sup>1</sup> BLUTEAU, 1713: 8, 9.

encontrar-se inscrições alusivas ao proprietário (normalmente em siglas), à função e denominação (ex. *A Pérola do Bolhão*, no Porto; *Fábrica Cerâmica Viúva Lamego*, em Lisboa; *Quinta de S. Thomé*, em Ovar; etc.), ou à data de construção ou de revestimento do edifício. Nas alegorias pode evidenciar-se uma determinada correspondência, por exemplo, a figura de Mercúrio, deus do comércio, numa casa comercial.

Na arquitetura religiosa, as fachadas das igrejas, como afirma José César Vasconcelos Quintão, vão também «servir para distinguir a igreja dos edifícios civis», «anunciando-se como o início do percurso do crente, simbolicamente ascensional», até à capela-mor, hierarquicamente o lugar mais importante e sagrado de toda a igreja<sup>2</sup>.

Na fachada, como no restante edifício, evidencia-se a tríade vitruviana — *firmitas* (solidez), *utilitas* (comodidade/funcionalidade) e *venustas* (beleza) —, princípios fundamentais na construção arquitetónica que ganham uma maior projeção quando aplicados na face do edifício, por isso, uma maior responsabilidade para quem a projeta, como comprova José Quintão:

*A fachada é, entre todas as partes da idealização dos elementos constitutivos do uno a construir, uma das mais difíceis de consubstanciar. O acto de a desenhar foi, é e será sempre um dos momentos mais inexoravelmente exigentes do acto de arquitetar, pese embora a importância que têm os outros componentes*<sup>3</sup>.

Dadas todas estas componentes, a fachada é uma riquíssima fonte de informação histórica e artística, sobre a qual nos iremos debruçar no presente trabalho, tomando como caso de estudo as igrejas paroquiais da antiga Comarca Eclesiástica da Feira.

## 1. FACHADAS DAS IGREJAS DA EXTINTA COMARCA ECLESIASTICA DA FEIRA<sup>4</sup>

A antiga Comarca Eclesiástica da Feira, extinta em 1916, era constituída por 104 freguesias, distribuídas pelos atuais concelhos de Vila Nova de Gaia, Espinho, Ovar, Estarreja, Murto, Feira, Arouca, Oliveira de Azeméis, S. João da Madeira, Vale de Cambra, Águeda e Aveiro.

Do século XIX ao século XX esta área geográfica sofreu alterações que permitiram a extinção da freguesia de Duas Igrejas, em 1843, e a constituição de novas freguesias a partir da desagregação dos lugares de: S. Jacinto (N. Sr.<sup>a</sup> das Areias) e Torreira da freguesia de Ovar, em 1855; Espinho da freguesia de Anta, em 1889; Monte

<sup>2</sup> QUINTÃO, 2005: 34.

<sup>3</sup> QUINTÃO, 2005: 35.

<sup>4</sup> VECHINA, 2017.

da freguesia da Murtosa, em 1933; Afurada da freguesia de Santa Marinha, em 1952; S. João da freguesia de Ovar, em 1985.

Portanto, na atualidade, o antigo espaço geográfico que correspondia à administração eclesiástica da comarca da Feira encontra-se dividido em 110 freguesias, com 118 igrejas paroquiais. Destas igrejas, 113 encontram-se nas 104 freguesias originais. Este número resulta do facto de algumas freguesias terem construído uma nova igreja, mantendo a anterior: S. Pedro de Ossela, construída entre 1882 e 1909; S. Miguel de Junqueira, construída em 1945; S. João de Ver, construída entre 1968 e 2008, com projeto da autoria do Arquiteto Fernando Távora (Porto); Santo André de Lever, construída entre 1969 e 1977, com projeto da autoria do Arquiteto Mário Emílio de Azevedo (Porto); Santa Maria do Vale, construída segundo o projeto, de 1973, da autoria do Arquiteto Mário Morais Soares; Santa Maria de Pindelo, construída entre 1979 e 1984, com projeto da autoria do Arquiteto J. Gomes Fernandes (Porto); Santo Miguel de Arcozelo, construída segundo o projeto, de 1980, da autoria do Arquiteto Mário Emílio de Azevedo (Porto); S. Tiago de Rio Meão, construída entre 1997 e 2000, com projeto da autoria do Arquiteto Ludgero Castro; Santo André de Gião, construída entre 2012 e 2017, com projeto da autoria do Arquiteto Manuel Coutinho (Vila Nova de Gaia).

Exceto as igrejas de S. Pedro de Ossela e de S. Miguel de Junqueira, as restantes igrejas supramencionadas foram construídas segundo uma linguagem arquitetónica contemporânea, com plantas de tendência centralizada e fachadas com configurações muito diversificadas, por isso, não serão consideradas no presente trabalho, bem como as igrejas de Crestuma (construída entre 1942 e 1963, segundo projeto da autoria do Arquiteto Mário Morais Soares) e de Cepelos (construída entre 1957 e 1980, segundo projeto da autoria do Arquiteto Octávio Lixa Filgueiras, do Porto). Nestes dois últimos casos as igrejas antigas foram demolidas.

Em suma, debruçar-nos-emos sobre 104 fachadas do século XV ao século XX, sobre as quais encontramos documentação a partir do século XVII.

### **1.1. Características e formas segundo a tratadística**

Na análise das características arquitetónicas e simbólicas da fachada importa observar o objeto em confronto com a tratadística. Para não nos alongarmos excessivamente, neste trabalho não iremos proceder ao cruzamento das formas arquitetónicas das fachadas em estudo com as estampas dos tratados. A nossa reflexão passará exclusivamente pelos textos.

Dos diversos tratados que circularam em Portugal, destacamos o tratado de S. Carlos Borromeu, *Instructiones Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae*, editado pela primeira vez em 1577 (a Portugal chegaram pelo menos duas edições latinas, a de

1577<sup>5</sup> e a de 1747<sup>6</sup>), e o tratado de Vitruvius, *De Architectura Libri Decem*, do século I a.C., aproximadamente pelo ano 27 a 16 a.C.

Relativamente ao tratado de Vitruvius é nos capítulos dedicados aos templos e basílicas que iremos encontrar maior parte da informação, posteriormente adaptada na construção das igrejas católicas.

Sobre S. Carlos Borromeu (1538-1584), interessa saber que foi Cardeal e Arcebispo de Milão, sobrinho do papa Pio IV, e tendo participado no Concílio de Trento empenhou-se em colocar em prática os decretos conciliares, promovendo inúmeras atividades eclesíasticas de grande importância doutrinal<sup>7</sup>. As *Instructiones Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae* surgem no contexto pós-tridentino e serão o resultado dos diversos sínodos promovidos por S. Carlos Borromeu, expondo descrições detalhadas e ordenadas de como a igreja e demais edifícios eclesíasticos deveriam ser construídos, mobilados e decorados.

Assim como os decretos do Concílio de Trento funcionaram como o primeiro documento normativo da Igreja, do ponto de vista comportamental, administrativo, litúrgico e devocional, passando para o papel o que a tradição foi definindo e defendendo durante séculos, o tratado de S. Carlos Borromeu fez o mesmo no que respeita ao objeto construído.

### 1.1.1. Enquadramento da fachada no conjunto arquitetónico

Relativamente à fachada, o tratado de S. Carlos Borromeu dedica-lhe o capítulo III do livro I. Contudo, no capítulo I, do mesmo livro, verificamos que a fachada da igreja se destaca na freguesia, primeiramente, pelas características de implementação do edifício.

1. Segundo as *Instructiones*, a igreja seria construída em lugar mais elevado, e se a área geográfica de implementação da igreja fosse completamente plana, deveria construir-se por forma a ascender-se a ela através de três ou cinco degraus<sup>8</sup>.

Estas características seguem a tradição greco-romana descrita no tratado de Vitruvius, no qual refere a fundação de templos em zonas elevadas:

<sup>5</sup> BORROMEIO: 1577.

<sup>6</sup> BORROMEIO: 1747.

<sup>7</sup> Ainda recentemente o papa Bento XVI reconheceu que S. Carlos Borromeu: «sobressai no século XVI como modelo de Pastor exemplar pela caridade, doutrina, zelo apostólico e sobretudo pela oração: 'as almas dizia ele conquistam-se de joelhos'. Consagrado Bispo com apenas 25 anos, pôs em prática quanto o Concílio de Trento ditou, o qual impunha que os Pastores residissem nas respectivas Dioceses, e dedicou-se totalmente à Igreja ambrosiana: visitou-a em todas as suas partes por três vezes; proclamou seis sínodos provinciais e onze diocesanos; fundou seminários para formar uma nova geração de sacerdotes; construiu hospitais e destinou as riquezas de família ao serviço dos pobres; defendeu os direitos da Igreja contra os poderosos; renovou a vida religiosa e instituiu uma nova Congregação de sacerdotes seculares, os Oblatos» (BENTO XVI, 2007).

<sup>8</sup> BORROMEIO, 1985: 4.

*Os templos sagrados dos deuses, que se consideram ser a mais alta tutela da cidade, Júpiter, Juno e Minerva, dever-lhes-ão ser distribuídas zonas no lugar mais elevado, de onde se possa observar a maior extensão do recinto fortificado<sup>9</sup>.*

Ou ainda, a existência de degraus, na fachada, em número ímpar e com medidas que permitam uma subida harmoniosa:

*No frontispício, os degraus deverão ser dispostos de tal modo que sejam sempre ímpares: pois como se sobe o primeiro degrau com o pé direito, também este será o primeiro a atingir a parte superior do templo. Sou da opinião de que a altura destes degraus deverá ser definida de modo que não fique maior que cinco sextos do pé nem menos que três quartos; deste modo, a subida não será custosa. Quanto à largura dos degraus, considera-se que não deverá ser inferior a um pé e meio nem superior a dois<sup>10</sup>.*

Nas igrejas paroquiais da extinta Comarca Eclesiástica da Feira verificamos que todas as igrejas se apresentam mais elevadas, exceto as igrejas de Escariz, Mansores, S. Jorge e Vale (primitiva), que se encontram numa cota de terreno mais baixa.

É de notar que os degraus dos templos sofreram muitas alterações no século XX e XXI e por esse motivo encontramos, nas igrejas de Avintes, Beduído, Cucujães, Lobão e Murtoza, a marca de antigos degraus, hoje nivelados com o pavimento exterior. Porém, os degraus que encontramos são proporcionais e fáceis de subir e a elevação, em frente à fachada, nestes edifícios, é feita através de um degrau (igrejas de Argoncilhe, Arões, Castanheira do Vouga, Escapães, Grijó, Louredo, Lourosa, Macieira de Sarnes, Nogueira da Regedoura, Olival, Pedroso, Sanguedo, Veiros, Vila Cova de Perrinho, Vila Maior e Vilar do Paraíso; antigas igrejas de Lever, Junqueira, Ossela e Pindelo), de dois degraus (igreja de Sandim), de três degraus (igrejas de Avanca, Bunheiro, Canedo, Espargo, Guetim, Loureiro, Roge, Santa Maria de Lamas, São Martinho da Gândara, Valadares e Válega), de quatro degraus (igrejas de Anta, Cesar e Fornos) e de cinco degraus (igrejas de Arada, Canelas, Cepelos, Codal, Fajões, Rio Meão, Santa Marinha, São João de Ver, São Roque e Souto).

A igreja de Gião é a única que se apresenta com a capela-mor virada para a rua principal, por isso, a sua elevação encontra-se excecionalmente com três degraus junto à fachada posterior e não ao frontispício.

As restantes igrejas apresentam um número de degraus superior a cinco. Destas destacam-se, pela dimensão e configuração, as escadarias das igrejas de Arrifana,

<sup>9</sup> VITRÚVIO, 2009: livro I, cap. VII, 54.

<sup>10</sup> VITRÚVIO, 2009: livro III, cap. IV, 119.

Esmoriz, Guisande, Gulpilhares, Junqueira (nova), Macieira de Cambra, Macinhata da Seixa, Mafamude, Mosteirô, Mozelos, Nogueira do Cravo, Oliveira de Azeméis, Oleiros, Ovar, Paços de Brandão, Paramos, Romariz, Sanfins, Santa Maria da Feira, S. Félix da Marinha, S. João da Madeira, S. Pedro de Castelões, S. Vicente de Pereira, Silvalde, Ul e Vilar do Paraíso.

Como verificamos nem todas as igrejas apresentam um número de degraus ímpar, embora esta seja o modelo mais significativo.

2. Segundo o tratado de S. Carlos Borromeu, a igreja deveria assemelhar-se a uma ilha, com as suas paredes separadas das paredes de outras casas<sup>11</sup>.

Excetuando as igrejas conventuais e paroquiais, de Grijó, Santa Maria da Feira e Cucujães, que pela sua natureza funcional tinham algumas das suas paredes ligadas às paredes do corpo monástico, as restantes igrejas paroquias da antiga Comarca Eclesiástica da Feira seguem esta normativa, estando a fachada voltada para a artéria principal da freguesia (exceto no caso da igreja de Gião), suficientemente distante das construções mais próximas.

3. Quanto à planta da igreja deve ser, preferencialmente, em forma de cruz alongada, «como se observa nas maiores sacras basílicas romanas»<sup>12</sup>. Esta forma segue a tradição greco-romana de composição simétrica dos templos, tendo como medida padrão a proporção humana, conforme descreve Vitruvius:

*A composição dos templos assenta na comensurabilidade, a cujo princípio os arquitectos deverão submeter-se com muita diligência. A comensurabilidade nasce da proporção, que [...] consiste na relação modular de uma determinada parte dos membros tomados em cada secção ou na totalidade da obra, a partir da qual se define o sistema das comensurabilidades. Pois nenhum templo poderá ter esse sistema sem conveniente equilíbrio e proporção e se não tiver uma rigorosa disposição como os membros de um homem bem configurado<sup>13</sup>.*

<sup>11</sup> BORROMEO, 1985: 5.

<sup>12</sup> BORROMEO, 1985: 7. (tradução, do espanhol, da responsabilidade do autor)

<sup>13</sup> VITRÚVIO, 2009: livro III, cap. I, 109.

Vitrúvio apresenta igualmente as proporções do corpo humano<sup>14</sup> e a sua relação na construção dos templos<sup>15</sup>. Estas duas descrições, por volta de 1490, deram origem ao famoso desenho do *Homem Vitruviano*, de Leonardo da Vinci, atualmente pertença da Gallerie dell'Accademia, em Veneza. Este desenho reflete de forma clara a relação entre as proporções humanas e a planta da igreja, sendo a fachada o correspondente aos pés do *Homem Vitruviano*, a nave o espaço entre os pés e o pescoço, o transepto os braços e a capela-mor a cabeça.

As igrejas da antiga Comarca Eclesiástica da Feira são todas de planta longitudinal, regra geral de uma nave, com composição arquitetónica e artística simétrica, apresentando proporções aproximadas ao corpo humano. Porém, só as igrejas de Santa Maria da Feira e de Grijó apresentam transepto, que corresponderá a uma pequena fração do braço humano. A igreja de Grijó é a única que não apresenta torre sineira junto à fachada, o que a aproxima mais da simetria e proporções humanas referidas por Vitrúvio.

As igrejas de Ovar, Pedroso e S. Pedro de Castelões, são de três naves. Fermedo é um caso excepcional de duas naves e por isso, de todas as igrejas, a mais desproporcionada, por apresentar a capela-mor do lado da Epístola, em vez de se encontrar centrada em relação à nave, ou seja, a cabeça está deslocada em relação ao corpo do edifício.

#### 1.1.1.1. A Torre Sineira

Segundo S. Carlos Borromeu, no capítulo XXVI do seu tratado, a torre sineira deve ser «de forma quadrada ou de outra forma, como considere o arquitecto, de acordo com o tipo de igreja e lugar. Para cima, com o acórdão que, seja construída [...] de acordo com a amplitude da igreja»<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> «Com efeito, a natureza de tal modo compôs o corpo humano que o rosto, desde o queixo até ao alto da testa e à raiz dos cabelos, corresponde à sua décima parte, e a mão distendida, desde o pulso até à extremidade do dedo médio, outro tanto; a cabeça, desde o queixo ao cocuruto, à oitava; da parte superior do peito, na base da cerviz, até à raiz dos cabelos, à sexta parte, e do meio do peito ao cocuruto da cabeça, à quarta parte. Por sua vez, da base do queixo à base das narinas vai a terça parte da altura do citado rosto, e do nariz, na base das narinas, ao meio das sobrancelhas, vai outro tanto; daqui até à raiz dos cabelos temos a frente, que é também a terça parte. O pé, por seu turno, corresponde à sexta parte da altura do corpo; o antebraço, à quarta; o peito, também à quarta. Também os restantes membros têm as suas proporções de medida, com o uso das quais também os antigos pintores e estatuários ilustres alcançaram grandes e inumeráveis louvores» (VITRÚVIO, 2009: livro III, cap. I, 109).

<sup>15</sup> «De modo semelhante, sem dúvida, os membros dos edifícios sagrados devem ter em cada uma das partes uma correspondência de medida muito conformemente, na globalidade, ao conjunto da magnitude total. Acontece que o umbigo é, naturalmente, o centro do corpo; com efeito, se um homem se puser deitado de costas com as mãos e os pés estendidos e colocarmos um centro de compasso no seu umbigo, descrevendo uma circunferência, serão tocados pela linha curva os dedos de qualquer uma das mãos ou dos pés. Igualmente, assim como o esquema da circunferência se executa no corpo, assim nele se encontra a figura do quadrado; de facto, se medirmos da base dos pés ao cocuruto da cabeça e transferirmos esta medida para a dos braços abertos, encontrar-se-á uma largura igual à altura, como nas áreas definidas em retângulo com o auxílio do esquadro» (VITRÚVIO, 2009: livro III, cap. I, 109-110).

<sup>16</sup> BORROMEU, 1985: 69.

Quanto à sua localização, nas igrejas mais insignes, deve ser «na cabeça do átrio ou pórtico, que está perto dos fóruns da igreja, pela mão direita de quem entra, e de tal modo desunida de qualquer parede, que pode circular-se à sua volta»<sup>17</sup>. Nas restantes igrejas a torre pode localizar-se «no ângulo da igreja, pela direita de quem entra, não muito longe da porta, ainda que sobressaia da igreja» e a sua entrada pode ser feita por dentro, do lado da igreja, protegida, com batentes e ferrolho<sup>18</sup>.

Nos lugares onde a falta de recurso não permita a construção de uma torre, podem construir-se «pilastras de tijolo pegadas à parte mais alta da parede e as mesmas arqueadas, de onde se suspendem os sinos». Independentemente de serem colocados numa torre ou numa sineira, os sinos têm obrigatoriamente de ser consagrados antes da sua colocação<sup>19</sup>.

Se for uma igreja catedral deve abrigar sete sinos ou um mínimo de cinco; se for colegial, três sinos — um maior, um médio e um pequeno; se for paroquial, três sinos ou, pelo menos, dois. Os sinos devem ter sons distintos, embora harmoniosos entre si, de acordo com as diferentes naturezas e significações dos ofícios divinos que se fazem<sup>20</sup>.

Convenientemente, a torre sineira das igrejas mais distintas, deve ter um relógio, «confeccionado com obra artificiosa de acordo com a forma do edifício», que permita que «o registo de cada hora seja anunciado por dentro com o som de um sino, por fora com a efigie de uma estrela que se chumbe em círculo, colocada num lugar evidente»<sup>21</sup>.

Deve ser construída com<sup>22</sup>:

1. Firmeza;
2. Ventanas proporcionadas e elegantes a rasgar cada parede. As ventanas mais altas devem ser distinguidas com colunas ou pilastras;
3. Coroamento que não seja triangular, mas circular ou piramidal, com «uma efigie do galo, firmemente fixada, poderá apoiar uma cruz erecta»;
4. Entrada bem protegida, com firmes batentes, travamento e chave, «a fim de que perpetuamente possa estar encerrada, exceto quando seja necessário tocar os sinos»;
5. No interior, deve ser rematada por abóbada e ter uma escada proporcionada, em forma de caracol ou outra forma, de pedra ou de madeira, que permitam o acesso aos sinos de forma cómoda e sem perigo.

<sup>17</sup> BORROMEIO, 1985: 70.

<sup>18</sup> BORROMEIO, 1985: 71.

<sup>19</sup> BORROMEIO, 1985: 71-72.

<sup>20</sup> BORROMEIO, 1985: 70.

<sup>21</sup> BORROMEIO, 1985: 71.

<sup>22</sup> BORROMEIO, 1985: 69-72.



Nas igrejas em análise, efetivamente, encontramos características que estão de acordo com o tratado de S. Carlos Borromeu.

As torres sineiras, solidamente construídas, têm planta quadrada, embora nem todas estejam em completa harmonia com a igreja, como é o caso da torre da igreja de Arões com um diâmetro desproporcional em relação à igreja, ou as torres de Be-duído e Lobão, excessivamente altas em relação ao corpo das respectivas igrejas.

A única torre afastada do corpo da igreja encontra-se em Grijó.

Importa referir que a maior parte destes edifícios apresenta uma única torre, porém, não estão exclusivamente do lado direito (Epístola). Encontram-se 40 igrejas com torre do lado do Evangelho, 37 com torre do lado da Epístola e 13 com torre ao centro — 9 campanários diretamente apostos sobre a empena do edifício e 4 igrejas com torre ao centro integrada na fachada (as igrejas de Junqueira, Santa Maria de Lamas e S. João da Madeira com torre ligeiramente destacada; a igreja de Sandim com a torre central integrada na fachada, que embora marque a axialidade do alçado e acentue a sua verticalidade, acaba por dar continuidade ao ritmo imposto pelas pilstras do corpo do frontispício). Em Vila Cova de Perrinho, a sineira não assenta sobre a parede mais alta da igreja, mas sobre uma parede própria, como se se tratasse do correspondente à torre sineira, em registo bidimensional, por isso, foi contabilizada como torre do lado da Epístola<sup>23</sup>.

Com duas torres sineiras encontram-se 13 igrejas, dentro destas estão as igrejas de três naves, bem como duas, das três igrejas, onde as torres se assumem integradas na fachada como um significante passivo<sup>24</sup>, ou seja, dando continuidade à linguagem arquitetónica e decorativa da fachada e respeitando a sua proporcionalidade. São os casos de Oliveira de Azeméis e Ovar, com duas torres, e de S. João da Madeira com uma torre ao centro.

As entradas para a torre são diversificadas, podem ser feitas através do interior da igreja (ex. Ovar) ou pelo exterior, a maior parte. As entradas externas podem ser feitas por uma porta, no rés-do-chão da torre, seja aberta na face da torre (ex. Madalena), do lado (ex. Escariz) ou atrás (ex. Guisande). Em maior número evidenciam-se as torres das igrejas com entrada externa, na parte de trás da torre, aberta ao nível do primeiro piso, com escadaria de acesso. (ex. Gião, com uma torre; Cortegaça, com duas torres). Neste último caso, a entrada é elevada na torre para que no interior da igreja se possa utilizar o rés-do-chão da torre como batistério.

O número de sinos varia entre um, dois (em maior número), três e até quatro sinos.

<sup>23</sup> *Vd. Tabela 1.*

<sup>24</sup> QUINTÃO, 2005: 143-147.

Relativamente aos relógios, muitos deles foram retirados em obras de finais do século XX e inícios do século XXI, porém a sua existência ainda subsiste em algumas igrejas, poucas, com forma circular, normalmente colocado na face da torre.

O coroamento da torre é feito por um campanário vazado, de cada lado, habitualmente, por uma ventana em arco de volta perfeita, geralmente assente sobre pilastras. Algumas ventanas recebem os sinos, outras são abertas por uma questão de simetria. No caso de Vila Cova de Perrinho a sineira é constituída por uma única ventana. Em Madaíl, para além das ventanas laterais, em arco de volta perfeita, rasgam-se três frestas na face da torre. Em Veiros e Beduído, verifica-se a utilização de dupla ventana em três dos quatro lados, nomeadamente na face do campanário.

Vinte e sete campanários são rematados por cúpula, sendo a cúpula de Roge composta por zimbório. Cinquenta e um campanários, a maioria, apresentam coruchéus piramidais e vinte e um exibem coruchéus bulbosos. O campanário de Macieira de Sarnes é rematado por telhado de quatro águas, o de Loureiro por uma estrutura plana e o de Pedroso segue a tradição medieval com duas torres rematadas por ameias e merlões — a torre do lado da Epístola é medieval, a outra é uma imitação de 1929<sup>25</sup>.

Quanto à análise da estrutura arquitetónica, considerando o conjunto formado pela face da torre e a face da igreja, das 104 igrejas, Grijó não tem torre na fachada, 46 igrejas têm torre(s) integrada(s) na fachada e 57 têm torre(s) justaposta(s) à fachada. Destas torres, 32 apresentam-se com elementos arquitetónicos da fachada (pilastras, pináculos, segmentos de frontão, etc.) sobrepostos ao cunhal que liga a torre ao frontispício, 20 encontram-se ligeiramente recuadas em relação à fachada e 8 têm entre si e a fachada um estreito pano murário, com ou sem fenestranças.

Dentro das igrejas com torre(s) integrada(s), salvo as três exceções que já verificámos, as restantes apresentam-se como significantes ativos<sup>26</sup>, ou seja, apesar de respeitarem os limites verticais e de darem continuidade às modinaturas da fachada, destacam-se através de um corpo cego ou com fenestranças próprias, que podem ser frestas ou janelas fora do alinhamento e proporção dos vãos de iluminação da fachada.

Muitas destas estruturas são posteriores à construção da fachada, como se pode constatar na Tabela 3, e apesar de todos os factos apresentados estas torres evidenciam uma certa independência em relação às fachadas em estudo, exceto Oliveira de Azeméis, Ovar e S. João da Madeira, pelos motivos que já indicámos.

---

<sup>25</sup> *Vd.* Tabela 3.

<sup>26</sup> QUINTÃO, 2005: 140.

**Tabela 1. Torres Sineiras das Igrejas da Antiga Comarca Eclesiástica da Feira – posição e características em relação à fachada** (as cruces a negrito correspondem aos edifícios mais recentes em freguesias com duas igrejas contempladas por este trabalho)

FREGUESIA	UMA TORRE			DUAS TORRES	INTEGRADA	JUSTAPOSTA	RECUADA	C/ ELEMENTOS SOBREPOSTOS	C/ DIVISÃO DA FACHADA
	Lado do Evangelho	Lado da Epístola	Centro						
Agadão	X					X			
Anta	X				X				X
Arada	X				X				
Arcozelo	X				X		X	X	
Argoncilhe		X			X			X	
Arões		X				X	X		
Arrifana	X					X	X		
Avanca				X	X				
Avintes	X					X	X		
Beduido	X					X			
Bunheiro		X			X			X	
Canedo		X				X <sup>27</sup>			
Canelas	X				X		X		
Canidelo		X			X			X	
Carregosa				X		X			
Castanheira do Vouga	X				X				
Cesar				X	X			X	
Codal	X					X		X	
Cortegaça				X	X				
Cucujães	X					X			
Duas Igrejas		X				X	X		
Escapães		X				X		X	
Escariz	X					X	X		
Esmoriz		X			X			X	
Espargo	X				X			X	
Fajões		X			X				
Fermedo	X					X	X		

<sup>27</sup> A fachada foi reedificada em 1800 e a base da torre sineira parece ser um reaproveitamento de uma estrutura anterior, sendo o campanário colocado por cima dessa estrutura e ligeiramente recuado em relação à base da torre.

FREGUESIA	UMA TORRE			DUAS TORRES	INTEGRADA	JUSTAPOSTA	RECUADA	C/ ELEMENTOS SOBREPOSTOS	C/ DIVISÃO DA FACHADA
	Lado do Evangelho	Lado da Epístola	Centro						
Fiães			X			X			
Fornos	X					X		X	
Gião	X				X				X
Guetim			X			X			
Guisande	X					X			X
Gulpilhares	X				X		X		
Junqueira	X		X		X	X			
Lever		X				X			
Lobão	X					X			X
Louredo		X				X			
Loureiro		X			X <sup>28</sup>				
Lourosa		X			X				
Maceda				X	X				
Macieira de Cambra		X				X		X	
Macieira de Sarnes	X					X	X		
Macinhata da Seixa		X				X			
Madail		X				X			
Madalena	X					X	X		
Mafamude				X	X			X	
Mansores		X				X			
Milheirós de Poiares		X			X				
Mosteiró		X				X		X	
Mozelos		X			X			X	
Murtosa	X					X		X	
Nogueira da Regedoura		X			X			X	
Nogueira do Cravo		X				X		X	
Oleiros			X			X			
Olival	X					X			
Oliveira de Azeméis				X	X			X	

<sup>28</sup> A zona inferior da torre é um reaproveitamento da torre da antiga igreja, por isso, não corresponde aos elementos arquitetónicos da fachada, embora toda a restante estrutura esteja integrada.

## CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA DAS FACHADAS DAS IGREJAS PAROQUIAIS

FREGUESIA	UMA TORRE			DUAS TORRES	INTEGRADA	JUSTAPOSTA	RECUADA	C/ ELEMENTOS SOBREPOSTOS	C/ DIVISÃO DA FACHADA
	Lado do Evangelho	Lado da Epístola	Centro						
Oliveira do Douro	X				X		X		
Ossela	X		X			XX	X		
Ovar				X	X			X	
Paços de Brandão		X			X			X	
Paramos			X			X			
Pardilhó	X				X			X	
Pedroso				X	X				
Perosinho	X				X		X	X	
Pigeiros		X			X			X	
Pindelo	X					X	X		
Riba Ul		X				X		X	
Rio Meão	X					X		X	
Roge		X				X			X
Romariz			X			X			
S. Félix da Marinha	X				X		X		
S. João da Madeira			X		X				
S. João de Ver		X				X			
S. Jorge		X			X				X
S. Martinho da Gândara	X					X		X	
S. Miguel do Mato	X					X			
S. Pedro de Castelões				X		X			
S. Roque	X					X			
S. Vicente de Pereira	X					X		X	
Sandim			X		X				
Sanfins		X			X		X		
Sanguedo	X					X			X
Seixezelo	X				X				
Sermonde			X			X			
Serzedo		X			X		X	X	
Silvalde				X	X				
Souto			X			X			
St.ª Maria da Feira				X		X			

FREGUESIA	UMA TORRE			DUAS TORRES	INTEGRADA	JUSTAPOSTA	RECUADA	C/ ELEMENTOS SOBREPOSTOS	C/ DIVISÃO DA FACHADA
	Lado do Evangelho	Lado da Epístola	Centro						
St.ª Maria de Lamas			X		X				
St.ª Marinha		X				X <sup>29</sup>			
Travanca			X			X			
Ul		X			X				
Valadares	X				X		X	X	
Vale		X				X			
Válega	X				X			X	
Veiros		X				X		X	
Vila Chã				X		X		X	
Vila Cova de Perrinho		X				X <sup>30</sup>			
Vila Maior		X				X			X
Vilar de Andorinho		X			X				
Vilar do Paraíso	X				X		X		

Como escreveu Carlos Alberto Ferreira de Almeida, a existência de um sino era «sinal de autonomia de uma terra, regulador e anunciador de toda a vida local», por ele se regia a população quotidianamente desde o despertar até ao deitar, nos dias de festa e nos dias de pesar<sup>31</sup>. Não é de estranhar esta aproximada independência estrutural, dadas as funções específicas e o poder simbólico e apotropaico do campanário, mais concretamente dos sinos que ele alberga. Esta autonomia, como já verificámos, é reconhecida por S. Carlos Borromeu, que descreve as torres como estruturas que «estão unidas à igreja»<sup>32</sup>.

### 1.1.2. A Fachada

Segundo São Carlos Borromeu, as paredes exteriores, incluindo o frontispício, devem ser feitas, de acordo com a deliberação do bispo e o conselho do

<sup>29</sup> A torre foi construída em 1894 numa zona mais recuada da fachada, e claramente diferenciada em relação à fachada.

<sup>30</sup> Na verdade, trata-se de uma sineira colocada sobre um tramo acrescentado à fachada, tal como se correspondesse a uma torre.

<sup>31</sup> ALMEIDA, 1966: 339-370.

<sup>32</sup> BORROMEU, 1985: 69.

arquiteto<sup>33</sup>, definindo-se atentamente o tipo de estrutura, a firmeza e qualidade das paredes e do seu reboco, entre outras questões técnicas, «segundo o modo de edificar a igreja e segundo a condição da região e do lugar»<sup>34</sup>. Logo, estando definida a *utilitas*, deveria garantir-se a *firmitas* e adequar-se a *venustas* ao lugar de construção do templo, tal como é referido por Vitrúvio, no capítulo sobre a preparação dos rebocos: «os ornatos deverão estar de acordo com os princípios intrínsecos da conveniência, de modo que expressem as características adequadas às circunstâncias de lugar e não se mostrem alheias às particularidades dos diferentes estilos»<sup>35</sup>.

Segundo S. Carlos Borromeu, a obra tem de transmitir «a piedade e religião cristã», não pode ser disforme, imprópria, obscena, profana ou de aparência pagã, mesmo «que ostentando a magnificência popular ou as insígnias de familiares»<sup>36</sup>.

Acima de tudo convém a firmeza da arquitetura, mesmo que para tal sejam utilizadas estruturas arquitetônicas em estilos ligados aos templos greco-romanos: «Não se proíba, porém, pela firmeza da arquitetura, alguma estrutura do gênero ou dórico, ou jônico, ou coríntio, ou de obra de diferente sorte, se de todo o modo a ciência arquitetônica alguma vez o exigir»<sup>37</sup>.

A firmeza é naturalmente associada à igreja como templo eterno, tal como Vitrúvio o defendia para os templos pagãos:

*Portanto, se a natureza compôs o corpo do homem, de modo a que os membros correspondam proporcionalmente à figura global, parece que foi por causa disso que os Antigos estabeleceram que também nos acabamentos das obras houvesse uma perfeita execução de medida na correspondência de cada um dos membros com o aspecto geral da estrutura. Por conseguinte, se nos transmitiram regras para todas as construções, elas destinavam-se sobretudo aos templos dos deuses, porque as qualidades e os defeitos destas obras permanecem eternos*<sup>38</sup>.

Conforme o tratado quinhentista, as paredes laterais e posteriores não devem apresentar nenhuma imagem, o que se verifica em todas as igrejas da antiga comarca da Feira, exceto Cucujães e S. Jorge que têm um nicho na parede posterior.

<sup>33</sup> No capítulo XXXIV, S. Carlos Borromeu, adverte para o respeito que os juizes ou arquitetos da fábrica da igreja devem ter pela autoridade episcopal e que «não se permitam por eles em tal obra eclesiástica». Quanto ao bispo, recomenda que, antes de autorizar a construção de uma igreja seja diligente e garanta um acordo idóneo, devidamente registado nos arquivos públicos (BORROMEU, 1985: 113).

<sup>34</sup> BORROMEU, 1985: 7.

<sup>35</sup> VITRÚVIO, 2009: livro VII, cap. IV, 271.

<sup>36</sup> BORROMEU, 1985: 112-113.

<sup>37</sup> BORROMEU, 1985: 113.

<sup>38</sup> VITRÚVIO, 2009: livro III, cap. I, 110.

As fachadas devem ter «uma vista tanto mais agradável e augusta, quanto mais adornadas estejam com imagens ou pinturas sacras» e na sua construção o arquiteto tem de ser diligente e cumprir com todos os requisitos<sup>39</sup>:

*Que no frontispício de cada igreja, sobretudo paroquial, desde logo, pela parte superior da entrada principal, por fora, se pinte ou se esculpa decorosa e religiosamente a imagem da beatíssima Virgem Maria com seu filho Jesus nos braços; pelo seu lado direito represente-se a efigie do santo ou da santa com cujo nome aquela igreja é denominada; igualmente pelo esquerdo, outro do santo ou santa, ao qual, com predileção, o povo daquela paróquia lhe presta veneração; ou ao menos, se toda esta obra das três imagens não se puder fazer, só o santo ou santa com cujo nome a igreja se chama. Se aquela igreja tem como dia festivo o título ou da anunciação, ou da natividade de Santa Maria, represente-se a efigie da beatíssima Virgem, que convenha à doutrina do mistério. Mas para que perpetuamente seja protegida da chuva e da inclemência do tempo, ao arquiteto corresponderá vigiar muito habilmente esta estrutura<sup>40</sup>.*

Sobre as imagens sacras, diz S. Carlos Borromeu, que não devem ser reproduzidas no chão, nem em lugar sujo e lamacento; nem em lugares uliginosos, «os quais provocam a deformação e corrupção da pintura em algum espaço de tempo»; nem de baixo das janelas, por estarem expostas aos pingos da chuva; nem em lugar onde se coloquem pregos<sup>41</sup>.

S. Carlos Borromeu revela uma grande preocupação com a posição e conservação da pintura e escultura, mas considera-as importantes na construção da fachada.

Nas fachadas das igrejas da antiga Comarca Eclesiástica da Feira, chegaram aos nossos dias diversas esculturas, sobretudo de oragos, colocadas em nichos, que as protegiam das intempéries. As mais antigas remontam ao século XV-XVI.

No caso da igreja de Agadão, a fachada exhibe um nicho vazio, junto à empena. Embora a sua existência registre a intenção de lhe ser colocada uma imagem, não sabemos se alguma vez a teve.

Quanto à pintura existente, são obras mais recentes, mas em materiais resistentes, que conferem distinção e dignidade à igreja — vitrais nas janelas do coro-alto e azulejo a revestir parte ou a totalidade das fachadas, ou simplesmente exibindo o registo do orago e do santo de segunda maior devoção na freguesia.

Em suma, estas fachadas são a prova de continuidade das regras construtivas e decorativas, esclarecidas pela tratadística, ao longo de séculos, e apesar de não seguirem tudo meticulosamente, estão muito próximas do que foi apresentado.

<sup>39</sup> BORROMEU, 1985: 7-8.

<sup>40</sup> BORROMEU, 1985: 8.

<sup>41</sup> BORROMEU, 1985: cap. XVII, 40.



Das 104 fachadas em estudo só 11 não ostentam qualquer imagem pictórica ou escultórica — ver Tabela 2. As restantes (93) apresentam:

### 1. Insígnias em médio ou alto-relevo

Num total de 14 fachadas: 6 têm as insígnias do seu orago — exceto a igreja de Beduído que exhibe a concha de S. Tiago, as restantes mostram as chaves e a mitra de S. Pedro — ambos apóstolos; 4 têm insígnias relacionadas com as ordens religiosas às quais pertenciam — Arada, Maceda e Rio Meão, com a cruz da Ordem de Malta e Santa Maria da Feira com a Águia de S. João Evangelista, padroeiro dos Lóios; 2 com as armas de Portugal — Veiros, por pertencer a um padroado da Ordem de Cristo e Roge por estar ligada ao padroado da Casa do Infantado; Cortegaça têm a cruz e o cálice da Paixão, que reforça a mensagem transmitida pelo revestimento azulejar; Pigeiros e Guetim são casos excecionais, em que as próprias portas principais de madeira têm esculpidas a adoração da Eucaristia em Pigeiros, e as Armas Christi associadas à Sagrada Eucaristia, representada por uma custódia, em Guetim.

### 2. Esculturas inseridas em nicho

Num total de 47 casos: 24 com uma única imagem, do orago, num nicho por cima do portal principal; 15 com uma imagem, em nicho junto à empena; e 8 em localizações diferenciadas — 1 imagem do orago nas torres de Canedo e S. Pedro de Castelões; 3 imagens, uma delas do orago, na empena da igreja de Cortegaça; 1 imagem do orago por cima da janela do coro-alto de Esmoriz; duas imagens em nichos laterais à janela central do coro-alto — em Cucujães o orago encontra-se do lado do Evangelho, em S. Félix da Marinha encontra-se do lado da epístola; em Grijó e Paramos nenhuma das imagens corresponde ao orago, do lado do Evangelho S. Pedro e da Epístola S. Paulo, da mesma forma estes dois apóstolos são representados nos azulejos de Cortegaça.

### 3. Pinturas em azulejo

A azulejaria revela-se neste estudo um material de grande importância no património arquitetónico religioso desta região. Como podemos verificar na Tabela 2, maior parte da pintura azulejar, documentada/assinada, provém das fábricas Aleluia (Aveiro) e Carvalhinho (Vila Nova de Gaia).

A azulejaria padrão reveste 44 fachadas na totalidade. Em Avintes reveste a torre e em S. Martinho da Gândara a igreja. Em Esmoriz o padrão remete para a paixão de Cristo e em Escapães, Fermedo e S. Miguel do Mato para os sete sacramentos.

Com um revestimento figurativo encontramos 12 fachadas: Carregosa é revestida parcialmente; Cucujães só na face da igreja; Cesar, Fiães, Serzedo e Souto resultam da conjugação de cercaduras e azulejos padrão com elementos figurativos; Cortega-

ça, Fajões, Guisande, Nogueira da Regedoura, S. Félix da Marinha e Válega são uma obra totalmente figurativa. Nestas composições vamos encontrar a representação do orago em 9, estando do lado do Evangelho, sempre que do outro lado é criado espaço para outra representação, e normalmente ao nível do coro-alto.

Inseridos numa fachada revestida a azulejo padrão ou simplesmente caiada, encontram-se os registos azulejares. Nas fachadas com azulejo padrão, podem ter sido colocados aquando o revestimento ou serem anteriores, como é o caso de Olival. Encontramos 26 fachadas com registos: 3 com um único registo (em Lever para comemorar o centenário de Nossa Senhora da Conceição como padroeira de Portugal, em Cucujães com o Sagrado Coração de Maria, na torre sineira, e em Sandim com o orago); 23 com dois ou mais registos (8 sem referência direta ao orago, sendo que na sua maioria existe uma escultura com essa dedicação; 14 com o registo dedicado ao orago do lado do Evangelho e 1 com o orago, excecionalmente, do lado da Epístola).

Importa referir que algumas destas igrejas no presente século foram intervencionadas, procedendo-se à remoção dos revestimentos azulejares, por exemplo, em Arada e Ul foi retirada a azulejaria padrão e os dois registos; em Vila Chã e Gulpilhares foi removida a azulejaria padrão, mantendo os registos.

#### **4. Pintura em vitral**

Em 38 fachadas, na janela do coro-alto, encontra-se um vitral: 9 com a representação do orago, 10 se contabilizarmos Santa Maria da Feira que representa o padroeiro dos Lóios, S. João Evangelista, embora a igreja seja dedicada ao Espírito Santo; 26 com uma cruz; Oliveira do Douro com a figura de Cristo crucificado e Válega com o Espírito Santo.

Como se pode verificar na Tabela 2, as representações de Nossa Senhora não estão necessariamente na parte superior da porta principal, como sugere S. Carlos Borromeu, mas existem sob as mais diversas invocações — Assunção, Remédios, Ajuda, etc. O orago está normalmente à esquerda (lado do Evangelho), se estivermos de frente para a fachada. Se considerarmos que S. Carlos Borromeu indica como referência a posição de Nossa Senhora, dizendo que o orago deve estar «pelo seu lado direito», então tratar-se-á do lado do Evangelho. Do outro lado, da Epístola, quando existem, estão as devoções com maior veneração, a seguir ao orago.

Quanto à posição da escultura e pintura, que não deveria ser próxima do chão, nem se localizar em sítio demasiado exposto às intempéries, é igualmente um facto no caso destas fachadas. As esculturas são protegidas por nicho em lugar elevado e as representações pictóricas encontram-se, quanto muito, à altura do observador, suficientemente protegidas do chão, da sujidade e da humidade.

**Tabela 2. Identificação das Esculturas e Pinturas Existentes nas Fachadas das Igrejas da Antiga Comarca Eclesiástica da Feira** (são identificadas as invocações representadas em conformidade com a natureza técnica; as insígnias quando identificadas com o nome de um santo correspondem aos seus atributos simbólicos e não à sua representação concreta; a negrito destacam-se os oragos das igrejas; a sigla «ev.» designa o lado do Evangelho e a «ep.» o lado da Epístola, ao centro fica o portal da igreja; nos revestimentos — «rev.» — azulejares identifica-se o revestimento *total*, só na fachada da igreja, ou só o revestimento da fachada da *torre* sineira; no revestimento figurativo é identificado se é *total* ou *parcial* — o «rev. comp.» /revestimento composto refere-se a uma composição que embora possa utilizar a azulejaria padrão na composição é evidentemente figurativa no conjunto azulejar)

FREGUESIA	RELEVO e/ insígnias	ESCULTURA			AZULEJARIA			VITRAIS
		Em nicho por cima do portal axial	Em nicho junto à empena	Em outro local	Rev. Padrão	Rev. Figurativo	Registos	
Agadão	-	-	Nicho sem imagem	-	-	-	-	-
Anta	-	-	S. Martinho	-	Total	-	S. Mamede (ev.); S. Martinho (ep.)	Cruz
Arada	Cruz da Ordem de Malta <sup>42</sup>	-	S. Martinho	-	-	-	-	-
Arcozelo	-	-	-	-	Total	-	S. Miguel (torre); Sr.ª dos Remédios (ev.); St.º António (ep.) <sup>43</sup>	-
Argoncilhe	-	S. Martinho	-	-	Total	-	-	Cruz
Arões	-	S. Simão	-	-	-	-	-	Cruz
Arrifana	-	Sr.ª Conceição	-	-	Total	-	Rainha St.ª Isabel (ev.); Sagrada Família (ep.) <sup>44</sup>	-
Avanca	-	St.ª Marinha	-	-	-	-	-	Cruz
Avintes	S. Pedro <sup>45</sup>	-	S. Pedro	-	Torre	-	-	-
Beduído	S. Tiago <sup>46</sup>	-	S. Tiago <sup>47</sup>	-	-	-	-	-
Bunheiro	-	S. Mateus	-	-	Total	-	-	-
Canedo	S. Pedro <sup>48</sup>	-	-	S. Pedro <sup>49</sup>	-	-	-	-
Canelas	-	-	-	-	-	-	-	-
Canidelo	-	-	-	-	Total	-	-	-
Carregosa	-	-	-	-	-	Parcial - S. Salvador <sup>50</sup>	-	Cruz

<sup>42</sup> No tímpano do frontão que coroa o portal principal.

<sup>43</sup> Os três registos são da autoria de Duarte Menezes (D. M.), da Fábrica do Carvalhinho, em Vila Nova de Gaia.

<sup>44</sup> Ambos pintados por António Limas, Fábrica Aleluia – Aveiro, em 1984.

<sup>45</sup> Acima do coroamento do portal, entre este e o óculo quadrilobado, que ilumina o coro-alto.

<sup>46</sup> Junto à empena.

<sup>47</sup> O nicho é de 1910, conforme inscrição.

<sup>48</sup> Na torre, por baixo do nicho.

<sup>49</sup> No corpo da torre sineira.

<sup>50</sup> Revestimento aplicado em toda a largura da fachada, incluindo as torres, sem ultrapassar a altura do portal. O friso, dedicado a S. Salvador, é da autoria de Avelino Leite, feito entre 1999 e 2002, e oferecido por José Aguiar Marinheiro.

FREGUESIA	RELEVO c/ insignias	ESCULTURA			AZULEJARIA			VITRAIS
		Em nicho por cima do portal axial	Em nicho junto à empena	Em outro local	Rev. Padrão	Rev. Figurativo	Registos	
Castanheira do Vouga	-	-	-	-	-	-	-	-
Cesar	S. Pedro <sup>51</sup>	-	-	-	-	Total – rev. comp. – S. Pedro, Sr.ª Conceição <sup>52</sup>	-	-
Codal	-	-	-	-	-	-	-	S. Tiago
Cortegaça	Paixão de Cristo <sup>53</sup>	-	-	S. Martinho, St.ª Marinha e S. Miguel <sup>54</sup>	-	Total <sup>55</sup>	-	Cruz
Cucujães	-	-	-	S. Martinho (ev.); S. Bento (e.p) <sup>56</sup>	-	Igreja – S. Martinho (ev.); S. Bento (ep.) <sup>57</sup>	Sagrado Coração de Maria <sup>58</sup>	Cruz
Duas Igrejas	-	-	-	-	Total	-	-	Cruz
Escapães	-	-	-	-	Total <sup>59</sup>	-	S. Martinho (ev.); St.ª Maria (ep.)	-
Escariz	-	St.º André <sup>60</sup>	-	-	-	-	-	-
Esmoriz	-	-	-	Sr.ª Assunção <sup>61</sup>	Total <sup>62</sup>	-	-	Cruz
Espargo	-	-	-	-	-	-	-	-
Fajões	-	S. Martinho	-	-	-	Total – S. Martinho <sup>63</sup>	-	-

<sup>51</sup> Entre janelas, junto ao entablamento.

<sup>52</sup> A fachada apresenta um revestimento composto, que conjuga o azulejo monocromático branco, com azulejo padrão e três painéis figurativos: na cimalha a adoração da Eucaristia; no lado do evangelho S. Pedro e do lado da Epístola Nossa Senhora da Conceição – obra da Fábrica Aleluia, de Aveiro.

<sup>53</sup> A decorar a janela do coro-alto, com um cálice e uma cruz latina, símbolos da Paixão e da Eucarística.

<sup>54</sup> Na empena: ao centro Santa Marinha, do lado do Evangelho S. Martinho, do lado da Epístola S. Miguel.

<sup>55</sup> A decoração cerâmica procura imitar a arquitetura e por entre esses elementos estruturais surgem nichos e cartelas com a representação do Sagrado Coração de Jesus, Sagrado Coração de Maria, S. Vicente de Paula, S. Pedro, S. Paulo, S. Francisco e as Armas Christi. Esta obra é da autoria do Atelier Badessi, em Vila Nova de Gaia, executada em inícios da década de 1920.

<sup>56</sup> Em nichos laterais à janela do coro-alto.

<sup>57</sup> Revestimento da autoria da Fábrica Aleluia, em Aveiro.

<sup>58</sup> A torre já foi revestida a azulejo padrão, entretanto removido, restando nela unicamente um registo do Imaculado Coração de Maria, pintado por Duarte Menezes, na Fábrica do Carvalhinho (Vila Nova de Gaia), com a data de 1943.

<sup>59</sup> Alusivo aos sete sacramentos. Este padrão foi produzido pela Fábrica Aleluia e não temos até ao momento conhecimento de outra fábrica que o produzisse. Os registos aplicados neste conjunto azulejado são da autoria mesma fábrica, conforme comprova a assinatura que ostentam.

<sup>60</sup> Esta imagem encontra-se em frente à janela do coro-alto e é obra recente, não tendo a janela sido projetada com esta intenção funcional.

<sup>61</sup> Em nicho, por cima da janela do coro-alto, antes da cimalha.

<sup>62</sup> Revestimento, da década de 1910, possivelmente de uma fábrica de Vila Nova de Gaia, com padrão alusivo à Paixão de Cristo.

<sup>63</sup> O revestimento figurativo – pintado por Amílcar Ferreira, Alexandra Formigal e Paula Fernandes, em 1993, na Fábrica Aleluia, em Aveiro – representa um nicho, por cima do portal principal, com a figura do orago, toda a restante composição é vegetalista.

## CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA DAS FACHADAS DAS IGREJAS PAROQUIAIS

FREGUESIA	RELEVO c/ insignias	ESCULTURA			AZULEJARIA			VITRAIS
		Em nicho por cima do portal axial	Em nicho junto à empena	Em outro local	Rev. Padrão	Rev. Figurativo	Registos	
Fermedo	-	-	-	-	Total <sup>64</sup>	-	Sr.ª da Ajuda e Sr.ª Conceição (ev.); St.º António (ep.) <sup>65</sup>	-
Fiães	-	-	-	-	-	Total, rev. comp. – Sr.ª Assunção <sup>66</sup>	-	-
Fornos	-	-	S. Salvador	-	Total	-	S. Salvador (ev.); Sr.ª Saúde (ep.) <sup>67</sup>	-
Gião	-	-	-	-	Total <sup>68</sup>	-	-	-
Grijó	-	-	-	S. Pedro (ev.); S. Paulo (ep.) <sup>69</sup>	-	-	-	S. Salvador <sup>70</sup>
Guetim	Armas Christi e Eucaristia	-	-	-	Total	-	S. Estevão (ev.); Sr.ª Guia (ep.)	Cruz
Guisande	-	-	-	-	-	Total <sup>71</sup>	-	Cruz
Gulphilhães	-	-	-	-	-	-	Sr.ª Expectação (ev.); St.º António (ep.) <sup>72</sup>	-
Junqueira	-	-	-	-	-	-	-	-
Lever	-	-	-	-	-	-	Sr.ª Conceição <sup>73</sup>	Cruz
Lobão	-	S. Tiago	-	-	Total	-	-	Cruz
Louredo	-	-	-	-	Total	-	-	-
Loureiro	-	S. João Batista	-	-	Total	-	-	-
Lourosa	-	-	-	-	-	-	-	-
Maceda	Cruz da Ordem de Malta <sup>74</sup>	S. Pedro <sup>75</sup>	-	-	Total	-	S. Pedro (ev.); S. Paulo (ep.) <sup>76</sup>	Cruz

<sup>64</sup> Padrão alusivo aos sete sacramentos, possivelmente da Fábrica Aleluia, em Aveiro.

<sup>65</sup> Do lado do Evangelho surgem dois registos: Nossa Senhora da Ajuda, oferta de Pedro Pereira da Silva Neto, pintado por Gerardo M. e Sara Sá, em Ipiranga, na Via Anchieta n.º 1055, em S. Paulo (Brasil); e Nossa Senhora da Conceição, feito na Fábrica Aleluia. Do lado da Epístola, o registo de Santo António, oferta de Acácio dos Santos, feito na Fábrica Aleluia, em Aveiro.

<sup>66</sup> O revestimento é feito através de azulejo monocromático branco, onde se inserem figurações vegetalistas e um painel com a representação de Nossa Senhora da Assunção, padroeira da igreja. A obra foi executada na Fábrica Aleluia, em Aveiro.

<sup>67</sup> Dados de 1947.

<sup>68</sup> Revestimento total a azulejo monocromático branco, que confere impermeabilidade ao edifício, aproximando-o pela cor das paredes caiadas de branco.

<sup>69</sup> Em nichos laterais à janela do coro-alto.

<sup>70</sup> O vitral de S. Salvador foi colocado na janela do coro-alto, fazendo conjunto com mais dois vitrais, em óculos, na zona superior do coro-alto. Os três vitrais são da autoria de Júlio Resende, feitos em 1998, na oficina Grassi Vettrati.

<sup>71</sup> Revestimento figurativo, de 1936, pintado por António Alegre Sampaio e Melo e F. Macedo, na Fábrica Cerâmica Valente Irmãos Lda. Nesta obra é relatado o percurso do Beato Nuno Álvares Pereira. O revestimento da torre é posterior, executado pela Fábrica do Carvalhinho em Vila Nova de Gaia, e representa o Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora de Fátima.

<sup>72</sup> Dados de 1938. A fachada já foi totalmente revestida a azulejo padrão, removido no presente século.

<sup>73</sup> Registo de 1940, muito comum em casas particulares e residências paroquiais, sendo composto por quatro azulejos colocados na diagonal, com cercadura simples.

<sup>74</sup> Por cima do portal.

<sup>75</sup> Oferta de Januário L. Branças, em 1948.

<sup>76</sup> Produzidos na Fábrica de Valadares.

FREGUESIA	RELEVO c/ insignias	ESCULTURA			AZULEJARIA			VITRAIS
		Em nicho por cima do portal axial	Em nicho junto à empena	Em outro local	Rev. Padrão	Rev. Figurativo	Registos	
Macieira de Cambra	-	-	-	-	Total	-	Sr.ª Natividade (ev.); Sagrado Coração de Jesus (ep.) <sup>77</sup>	Sr.ª Natividade
Macieira de Sarnes	-	-	-	-	-	-	Stª Eulália <sup>78</sup>	-
Macinhata da Seixa	-	-	-	-	-	-	-	-
Madail	-	S. Mamede <sup>79</sup>	-	-	-	-	-	-
Madalena	-	-	-	-	-	-	Sagrado Coração de Jesus (ev.); Stª Maria (ep.)	-
Mafamude	-	-	-	-	Total	-	-	-
Mansores	-	-	St.ª Cristina	-	Total	-	-	St.ª Cristina
Milheirós de Poiães	-	-	S. Miguel	-	-	-	-	-
Mosteiró	-	Santo André	-	-	-	-	-	-
Mozelos	-	S. Martinho	-	-	-	-	-	-
Murtosa	-	-	-	-	-	-	-	St.ª Maria
Nogueira da Regedoura	-	-	-	-	-	Total – S. Cristóvão (ev.); Sr.ª Conceição (ep.) <sup>80</sup>	-	-
Nogueira do Cravo	-	-	-	-	Total <sup>81</sup>	-	-	-
Oleiros	-	-	S. Paio	-	Total	-	-	Cruz
Olival	-	-	-	-	Total	-	St.ª António (ev.); S. José (ep.); Batismo (torre); Sr.ª Conceição (junto à empena) <sup>82</sup>	St.ª Maria
Oliveira de Azeméis	-	S. Miguel	-	-	Total	-	Batismo (ev.); Entrega das Chaves a Pedro (ep.) <sup>83</sup>	Cruz

<sup>77</sup> Ambos, executados em 1949, da autoria do pintor Fartura, da Fábrica Aleluia, em Aveiro.

<sup>78</sup> Painel da Fábrica do Carvalhinho (Vila Nova de Gaia), colocado junto à empena do edifício.

<sup>79</sup> Não está sobre nicho, mas sobre uma mísula, que encima o portal axial.

<sup>80</sup> Pintura cerâmica apresentada pela Casa Paula, de Espinho, pintada por A.J.F., que conjuga elementos vegetalistas e figurativos. A obra foi custeada por diversas pessoas: Ricardo de Oliveira Marques Pinhão e esposa (o correspondente à representação de S. Cristóvão), António B. Marques Presa e esposa (o correspondente à representação de Nossa Senhora da Conceição), Joaquim Domingues e esposa, e as crianças da Profissão de Fé de 1964 (o correspondente à parte inferior da fachada). A obra será de 1964.

<sup>81</sup> Não se trata propriamente de azulejo padrão, mas de azulejo monocromático em tom de café.

<sup>82</sup> Os registos mais antigos, de Santo António e de S. José, já existiriam quando a fachada foi revestida a azulejo, pela mesma altura que foi colocado, na torre, o registo do Batismo de Cristo, pintado por M. (possivelmente o pintor Manuel Rodrigues), na Fábrica do Carvalhinho, em Vila Nova de Gaia, possivelmente, pela mesma altura em que foi colocado o registo de comemoração do Centenário de Nossa Senhora da Conceição, como padroeira de Portugal, 1646-1946.

<sup>83</sup> Originalmente pintados, em 1927, por E. Trindade da Fábrica Fonte Nova, em Aveiro, foram reproduzidos, entre 1992 e 1997, por J. Videira.

## CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA DAS FACHADAS DAS IGREJAS PAROQUIAIS

FREGUESIA	RELEVO c/ insignias	ESCULTURA			AZULEJARIA			VITRAIS
		Em nicho por cima do portal axial	Em nicho junto à empena	Em outro local	Rev. Padrão	Rev. Figurativo	Registos	
Oliveira do Douro	-	-	-	-	-	-	-	Cristo
Ossela (igreja nova)	-	-	-	-	Total	-	S. Pedro (ev.); St.º António (ep.) <sup>84</sup>	-
Ovar	-	S. Cristóvão <sup>85</sup>	-	-	Total	-	-	Cruz
Paços de Brandão	-	-	S. Cipriano	-	-	-	-	Cruz
Paramos	-	-	St.º Tirso	S. Pedro (ev.); S. Paulo (ep.) <sup>86</sup>	Total	-	-	-
Pardilhó	S. Pedro <sup>87</sup>	-	-	-	-	-	-	S. Pedro
Pedroso	-	-	-	-	-	-	-	-
Perosinho	-	-	-	-	-	-	-	-
Pigeiros	Eucaristia <sup>88</sup>	-	-	-	Total	-	-	Cruz
Pindelo	-	-	-	-	-	-	-	-
Riba Ul	-	S. Tiago	-	-	Total	-	-	Cruz
Rio Meão	Cruz da Ordem de Malta <sup>89</sup>	-	S. Tiago	-	-	-	-	-
Roge	Armas de Portugal <sup>90</sup>	-	-	-	-	-	-	Cruz
Romariz	-	St.º Isidoro	-	-	-	-	-	-
S. Félix da Marinha	-	-	-	Sr.ª Conceição (ev.); S. Félix (ep.) <sup>91</sup>	-	Total – S. Miguel (torre); Sagrado Coração de Jesus (ev.); Sagrado Coração Maria (ep.) <sup>92</sup>	-	Cruz
S. João da Madeira	-	-	-	-	-	-	-	-
S. João de Ver	-	S. João Batista	-	-	-	-	-	-
S. Jorge	-	-	S. Jorge	-	Total <sup>93</sup>	-	-	-
S. Martinho da Gândara	-	S. Martinho	-	-	Fachada	-	Sr.ª Fátima (ev.); St.º António (ep.) <sup>94</sup>	-
S. Miguel do Mato	-	-	-	-	Total <sup>95</sup>	-	S. Miguel (ev.); Sr.ª Conceição (ep.) <sup>96</sup>	-

<sup>84</sup> Ambos de 1957, feitos na Fábrica Aleluia, em Aveiro. O S. Pedro foi oferecido pelos Manueis de Ossela e o Santo António pelos Antónios de Ossela.

<sup>85</sup> Atualmente a imagem encontra-se recolhida na sacristia da igreja.

<sup>86</sup> Em nichos laterais à janela do coro-alto.

<sup>87</sup> Na cimalha.

<sup>88</sup> A porta, oferecida por Delfim Reis e esposa, em 1856(?), apresenta uma representação da adoração da eucaristia e as siglas S.S., de Santíssimo Sacramento.

<sup>89</sup> Por cima do portal.

<sup>90</sup> Próximo da empena.

<sup>91</sup> Ligeiramente abaixo da janela do coro-alto, em nichos laterais.

<sup>92</sup> Composição pictórica, semelhante à obra realizada em Cortegaça pelo Atelier Badessi.

<sup>93</sup> No azulejo faz-se referência a três datas: execução da torre sineira custeada por Bernardo Alves da Silva, em 1884; bênção da igreja em 1735; e festa do centenário a 21 de julho de 1935.

<sup>94</sup> Ambos da Fábrica do Outeiro em Águeda.

<sup>95</sup> Padrão dedicado aos sete sacramentos, possivelmente da Fábrica Aleluia, em Aveiro.

<sup>96</sup> Feitos na Fábrica Aleluia, em Aveiro, em 1965.

FREGUESIA	RELEVO c/ insígnias	ESCULTURA			AZULEJARIA			VITRAIS
		Em nicho por cima do portal axial	Em nicho junto à empena	Em outro local	Rev. Padrão	Rev. Figurativo	Registos	
S. Pedro de Castelões	-	-	-	S. Pedro <sup>97</sup>	Total	-	Bom Pastor (junto empena); S. Pedro (ev.); Sr.ª do Carmo (ep.) <sup>98</sup>	-
S. Roque	-	-	S. Pedro	-	Total	-	-	Cruz
S. Vicente de Pereira	-	S. Vicente <sup>99</sup>	-	-	Total	-	St.ª António (ev.); Sr.ª da Boa Hora (ep.) <sup>100</sup>	-
Sandim	-	-	-	-	Total	-	St.ª Maria (ev.)	-
Sanfins	-	-	-	-	-	-	-	S. Pedro
Sanguedo	-	St.ª Eulália	-	-	Total	-	Sagrado Coração de Jesus (ev.); Sr.ª Conceição (ep.)	Cruz
Seizezelo	-	-	-	-	-	-	-	-
Sermonde	S. Pedro <sup>101</sup>	-	-	-	Total	-	-	-
Serzedo	-	-	-	-	-	Total, rev. comp. – S. Mamede (ev.); Sr.ª das Dores (ep.) <sup>102</sup>	-	-
Silvalde	-	S. Tiago	-	-	Total	-	-	-
Souto	-	-	-	-	-	Total, rev. comp. – S. Miguel (ev.); S. José (ep)	-	-
St.ª Maria da Feira	S. João Evange- lista <sup>103</sup>	-	-	-	-	-	-	S. João Evange- lista <sup>104</sup>
St.ª Maria de Lamas	-	-	-	-	-	-	-	Cruz
St.ª Marinha	-	-	-	-	-	-	-	Cruz
Travanca	-	-	S. Mamede	-	-	-	S. Mamede (ev.); Sagrado Coração de Jesus (ep.) <sup>105</sup>	-
Ul	-	St.ª Maria	-	-	-	-	-	-
Valadares	-	-	S. Salvador	-	Total	-	-	-

<sup>97</sup> Em nicho, na torre. Escultura de c.1995.

<sup>98</sup> Feitos no Atelier Gomes Porto, existente em Coimbra e Porto.

<sup>99</sup> Datada de 1895.

<sup>100</sup> Pintados por Fernando Gonçalves, em 1980, no Atelier Razamonte, em Vila Nova de Gaia.

<sup>101</sup> Junto à empena.

<sup>102</sup> Revestimento cerâmico pintado por Fernando Gonçalves, na Fábrica do Carvalhinho, em 1952. A obra é composta por duas cercaduras de cariz vegetalista que contornam toda a estrutura arquitetura, azulejo monocromático branco, elementos vegetalistas e três registos figurativos: na fachada da igreja, S. Mamede e Nossa Senhora das Dores, na torre uma alusão ao Ano Santo de 1951, com as insígnias de S. Pedro.

<sup>103</sup> Junto à empena.

<sup>104</sup> Da autoria de Guilherme Camarinha.

<sup>105</sup> Ambos feitos na Fábrica Aleluia.



FREGUESIA	RELEVO c/ insignias	ESCULTURA			AZULEJARIA			VITRAIS
		Em nicho por cima do portal axial	Em nicho junto à empena	Em outro local	Rev. Padrão	Rev. Figurativo	Registos	
Vale	-	-	-	-	-	-	-	-
Válega	-	Sr.ª do Amparo	-	-	-	Total <sup>106</sup>	-	Espírito Santo <sup>107</sup>
Veiros	Armas de Portugal <sup>108</sup>	-	-	-	Total	-	-	-
Vila Chã	-	-	-	-	-	-	Sr.ª das Candeias 8ev.); S. Brás (ep) <sup>109</sup>	St.ª Maria
Vila Cova de Perrinho	-	-	-	-	Total	-	S. João (ev.); S. Lázaro (ep.)	-
Vila Maior	-	-	-	-	-	-	-	-
Vilar de Andorinho	-	-	-	-	-	-	-	-
Vilar do Paraíso	-	-	-	-	Total	-	-	-

### 1.1.2.1. O nártex e os vãos de acesso e de iluminação

Relativamente às componentes arquitetónicas S. Carlos Borromeu recomenda os textos escritos «por sábios arquitetos»<sup>110</sup>, no entanto não deixa de fazer algumas advertências.

Sobre o átrio diz que deve fazer-se «em frente da casa cingido por todos os lados com pórticos e adornado com outra obra adequada de arquitetura»<sup>111</sup>, porém se não for possível edificar-se que pelos menos «na frente [da igreja] se construa um pórtico. Este pórtico construído mediante colunas de mármore, ou pilastras de pedra ou ladrilho, que adeque completamente a latitude da igreja com a longitude [...] e responda convenientemente à grandeza da sua longitude». Mas se mesmo assim esta construção não for possível, «pelo menos cuide-se absolutamente disto: que ante a porta maior [das igrejas paroquiais] se levante um vestíbulo tal que só com colunas ou pilastras, um pouco distantes daquela, fique edificado em forma quadrada; e tenha espaço, que seja um pouco mais acessível que a porta da igreja»<sup>112</sup>.

<sup>106</sup> A fachada é totalmente revestida azulejo figurativo, com molduras vegetalistas e concheados, da autoria da fábrica Aleluia (Aveiro), realizado em 1960, pelos pintores António de Pinho, Lourenço Limas e Saúl Marques Ferreira, e oferecido por António Maria Augusto da Silva, Comendador da Ordem de Benemerência. Junto à empena está representada a Adoração da Eucarística; na zona do coro-alto, da esquerda para a direita, o Batismo de Constantino, Comunhão de S. Luís, Matrimónio e S. Carlos Borromeu ministrando a extrema-unção; na base da torre, a Entrega das Chaves a Pedro; ladeando o portal principal, do lado do evangelho, o Dogma da Imaculada Conceição, do lado da epístola a Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição (VECHINA, 2012: 111-127).

<sup>107</sup> Executado no atelier S. Cvadrado, em Madrid.

<sup>108</sup> Próximo da empena.

<sup>109</sup> Pintados por A. Peça, em 1954, no atelier Nalda, em Vale de Cambra.

<sup>110</sup> BORROMEIO, 1985: 10.

<sup>111</sup> BORROMEIO, 1985: 8.

<sup>112</sup> BORROMEIO, 1985: 9.

Nas igrejas em análise esta situação não se verifica, exceto, em Grijó e Pedroso que apresentam na fachada um nártex aberto em detrimento do portal, seguindo uma solução presente na arquitetura sacra portuguesa erudita, como comprovou Jorge Henrique Pais da Silva<sup>113</sup>, e aproximando-se da zona porticada defendida por S. Carlos Borromeu.

Em ambos os casos o nártex é de planta quadrangular, imediatamente em frente ao portal axial da igreja e estruturalmente definido por pilastras, em granito, que sustentam os três arcos de volta perfeita de acesso à igreja.

No caso de Grijó estas pilastras vão ter continuidade no registo superior do edifício, até ao entablamento que define uma estreita varanda que percorre toda a empena. Nos ângulos da fachada erguem-se duas pilastras que com prosseguimento no registo horizontal superior, serão coroadas por dois pináculos nos vértices da empena. Entre os arcos uma única pilastra que tendo seguimento no registo superior vão definir a abertura dos vãos e dos nichos: ao centro um longo vão de iluminação do coro-alto, dos lados um nicho encimado por um pequeno vão quadrado. Nos nichos as imagens de S. Pedro e S. Paulo, do lado do Evangelho e do lado da Epístola, respetivamente.

Em Pedroso, ao contrário do que verificamos em Grijó, o nártex até ao início do século XX tinha a lateral do lado do Evangelho aberta através de dois arcos, igualmente de volta perfeita, e o coro-alto encontrava-se completamente recuado. Só na reedificação de 1929 o acrescento da segunda torre e o aumento do edifício fecharam a lateral do nártex e sobrepuseram a este o coro-alto. Nos três arcos da fachada verifica-se que o arco central é mais alto e mais largo em relação aos laterais, enquanto em Grijó são exatamente iguais.

Debruçando-se sobre esta estrutura de nártex aberto sob o coro-alto George Kubler concluiu que foi uma opção desenhada por Leon Battista Alberti, a propósito da igreja de S. Sebastião de Mântua (1460), utilizada em 1540 por Palladio na Villa Godi<sup>114</sup>. Em Portugal, esta solução é utilizada ao longo de vários séculos, como se pode verificar, por exemplo, nas igrejas de S. Francisco e de S. Brás de Évora (século XV), de S. Mamede de Évora (século XVI), de S. Vicente de Fora (século XVI-XVII), de S. Bento da Vitória (século XVII), ou ainda na basílica do Convento de Maфра (século XVIII).

Quanto às portas de entrada do templo, S. Carlos Borromeu defende que devem ser ímpares, tantas quantas as naves existentes, se a amplitude do edifício o permitir. A entrada principal deve distinguir-se das restantes quer pela dimensão, quer pela ornamentação e os seus batentes devem ter menos ornatos e mais firmeza. Quanto à porta deve ser preferencialmente feita em madeira de cipreste, cedro ou nogueira, e esculpida para durar muito tempo<sup>115</sup>.

---

<sup>113</sup> SILVA, 1992: 153.

<sup>114</sup> KUBLER, 2005: 73.

<sup>115</sup> BORROMEO, 1985: 11.

Grijó é o único caso de uma igreja com três portas (a principal maior do que as laterais), as restantes têm uma única porta. A maioria apresenta uma moldura granítica retangular de verga reta com friso e cornija, podendo ser coroado por frontão ou outro elemento arquitetónico semelhante. Pindelo, Madalena, Lever e Cortegaça têm vãos de moldura simples. Rio Meão tem portal em arco apontado. E ainda existem igrejas com portais em arco de volta perfeita, como por exemplo, Oleiros, S. Pedro de Castelões, Sanfins, Fiães, etc.

As janelas devem ser construídas segundo o tipo de arquitetura, as medidas e magnitude da igreja. Posicionadas na parte mais alta, não devem permitir que quem está fora da igreja possa ver o que se passa no seu interior. Erguidas de forma sólida, devem ser fechadas com ferro e vidro «transparente e não pintado por nenhuma parte, exceto com a imagem do santo com cujo nome se chama a igreja, a fim de que se receba mais claramente a luz». Na fachada, deve fazer-se «uma janela orbicular, com largura segundo a medida da igreja, à semelhança do olho, sobre a entrada principal, justamente onde a igreja e a capela-mor possam receber luz, e por fora adorne-se segundo o tipo de estrutura»<sup>116</sup>.

Efetivamente todas as janelas da face da igreja estão suficientemente altas. No que respeita aos vitrais, os que hoje existem são recentes, e na maior parte dos edifícios em análise estão unicamente na fachada.

Quanto à janela orbicular que ilumina a nave e a capela-mor só existe em 15 fachadas, porém, é utilizada em 28 fachadas para iluminar o espaço entre o telhado e a parte de cima da abobada da nave. As restantes apresentam vãos de iluminação retiformes, como veremos de forma mais clara na caracterização tipológica.

## 1.2. Caracterização Tipológica

Analisando a estrutura arquitetónica<sup>117</sup> e artística destas fachadas, excluindo a(s) torre(s), constatamos que, regra geral, a fachada assenta sobre um embasamento, do qual arrancam as pilastras que a vão delimitar, garantindo igualmente a sustentação do entablamento (se existir), dos arranques da empena e dos dois pináculos que a coroam lateralmente. No cume da empena, surge uma cruz latina, exceto em Cortegaça (que tem a cruz nas duas torres) e em algumas fachadas com torre sineira sobreposta à empena, nas quais a cruz passa a coroar a cobertura do campanário<sup>118</sup>.

Deste conjunto em análise, encontramos três tipologias de fachadas (Tabela 3):

<sup>116</sup> BORROMEIO, 1985: 12-14.

<sup>117</sup> Na análise da estrutura arquitetónica destaca-se a indispensável consulta da obra de QUINTÃO, 2005.

<sup>118</sup> Guetim, Junqueira (nova), Oleiros, Ossela (nova), Paramos, Romariz, Santa Maria de Lamas e Sermonde.

**1. TIPOLOGIA I** — Fachadas que apresentam um vão de iluminação, em destaque, no alinhamento do portal principal. Nesta tipologia encontram-se dois grupos:

### 1.1. Grupo 1

Fachadas com vão de iluminação orbicular em destaque, regra geral, imediatamente acima do portal principal, com uma dimensão que permite a iluminação da nave e da capela-mor. Este grupo é marcado por óculos quadrilobados em fachadas construídas ao longo de todo o século XVIII, óculos ovais em fachadas construídas na primeira metade do século XVIII (Agadão e Santa Marinha) e uma fachada do século XX (Silvalde) e óculos circulares numa cronologia que vai de inícios do século XVIII ao século XX. Neste último caso, o óculo de Vila Cova de Perrinho é proporcional à reduzida dimensão da igreja, e o de Seixezelo é de pequenas dimensões permitindo unicamente a iluminação do coro-alto. No caso do óculo de Madail é circular no formato exterior e estrelado no interior o que lhe confere uma dinâmica diferente dos restantes.

É ainda de acrescentar que o óculo quadrilobado da fachada de Rio Meão é resultado de uma reedificação da fachada na década de 1740, embora a igreja seja uma construção possivelmente do século XV.

Nas fachadas com óculo quadrilobado o óculo assume um papel de tal modo relevante que chega a ser o elemento arquitetónico mais dinâmico da fachada, por exemplo em Rio Meão, Ossela e Pindelo.

Em fachadas como a de Avintes e Castanheira do Vouga, é parte integrante de um eixo vertical central onde o óculo se destaca.

A fachada de Avintes é dividida em três registos verticais, sendo o central constituído pelo portal principal encimado por frontão curvo interrompido com cartela no tímpano seguida das armas de S. Pedro, coroadas pelo óculo quadrilobado, de grandes dimensões, que é sucedido pelo nicho do orago junto à empena. Os dois registos verticais dos flancos cada um com duas pilastras acentuam a importância do vão de iluminação com uma espécie de segmento de entablamento que interrompe as pilastras ao nível do óculo, continuadas depois dele até à empena, rematada por quatro pilastras e uma cruz latina.

Em Castanheira do Vouga o óculo quadrilobado interrompe o entablamento da cimalha contracurvada.

Como já verificámos estes vãos orbitulares são igualmente utilizados em fachadas que não pertencem a este grupo, embora se encontrem acima do coro-alto, entre

a abóbada e o telhado. A maioria é constituída por óculo circular<sup>119</sup>, os restantes por óculo quadrilobado<sup>120</sup>, óculo oval ou de tendência oval<sup>121</sup>, numa cronologia que vai de finais do século XVII a inícios do século XX.

## 1.2. Grupo 2

Fachadas com um vão de iluminação de cariz retilíneo...

a) ... e um portal de verga reta, inseridos numa estrutura arquitetónica de carácter austero, onde os únicos elementos decorativos que se destacam são os pináculos que rematam as empenas e os campanários. Estes edifícios encontram-se numa cronologia bastante alargada que vai de finais do século XVII até a inícios do século XX.

b)... com tratamento destacado em relação ao portal, quer pela sua dimensão, quer pelos elementos que a compõem: a fachada de Guisande apresenta um portal encimado por friso e cornija seguido do vão de iluminação do coro-alto com friso e frontão triangular; a fachada de Oleiros é composta por portal em arco de volta perfeita, seguido de vão de iluminação coroado por frontão curvo; a fachada de Cortegaça evidencia um portal de verga reta, de moldura simples, encimado por janela de falsa sacada com balaustrada assente sobre mísulas e fechada nos flancos por pedestais que sustentam duas colunas de fuste liso sobre as quais assentam dois pináculos, que tocam o segmento de frontão reto angular que coroa o vão. São meramente três exemplares, de meados do século XVIII ao início do século XX.

c) ... e portal de verga reta encimado por frontão triangular/segmento de frontão em reta contracurvada, integrados em estrutura arquitetónica austera, onde o elemento de maior destaque da face do corpo da igreja é o frontão/segmento de frontão e os pináculos que rematam a empena. Os quatro exemplares com estas características foram erigidos entre finais do século XVII e meados do século XIX.

d) Com portal unido ao vão de iluminação:

1. Através de frontão triangular ou curvo interrompido, onde encaixa (Canidelo, Pardilhó, Perosinho, S. Jorge, Serzedo) ou assenta (Espargo e Vila Maior) o vão de iluminação do coro-alto. São fachadas datadas de meados da primeira metade do século XVIII até meados da primeira metade do século XIX. Neste item evidencia-se a diversidade de remates: empena (Espargo), frontão triangular (Canidelo, Perosinho e Serzedo), frontão triangular elevado por duas aletas flanqueadas por balaustrada fechada (S. Jorge), cimalha convexa de reta con-

<sup>119</sup> Arcozelo, Escapães, Esmoriz, Espargo, Lobão, Mozelos, Nogueira do Cravo, Oliveira de Azeméis, Pardilhó, Perosinho, Riba Ul, Sanguedo, S. Félix da Marinha e S. Vicente de Pereira. No caso de Fervedo o óculo circular é na verdade uma rosácea, embora acima do coro-alto.

<sup>120</sup> Argoncilhe, Arrifana, Carregosa, Loureiro, S. Martinho da Gândara e Ul.

<sup>121</sup> Maceda e Ovar com óculos ovais. Mosteiró, com um óculo de tendência oval, recortado, muito semelhante ao de Agadão.

tracurvada (Vila Maior) e cimalha angular contracurvada (Pardilhó). Importa referir a semelhança entre as fachadas das igrejas de Perosinho e de Serzedo, ambas do padroado do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, onde o único elemento que difere é a posição da torre sineira.

2. Através de elemento pétreo com formato convexo nas extremidades, que serve se base ao vão do coro-alto. Estes elementos encontram-se em fachadas do século XVIII ao século XX.

3. Através de duas «linhas» pétreas convexas, que são uma derivada da situação anterior, encontrada em duas fachadas oitocentistas.

e)... e um portal encimado por friso e cornija, onde assentam dois pináculos laterais e um vão de iluminação central, coroado por frontão triangular ou curvo (interrompido), exceto na fachada de S. Roque, na qual a janela é encimada por friso e cornija, rematados por dois pináculos e um nicho com o orago, S. Pedro. Importa ainda referir que o frontão triangular da janela de Codal não assenta diretamente sobre a janela de verga curva e no caso da fachada de Carregosa, é possível que o friso do portal principal tenha sido substituído pela verga curva que o portal ostenta atualmente. Estes elementos encontram-se em edifícios do século XVII e XVIII.

f)... inserido num eixo vertical marcado desde o portal à empena. Este eixo vertical central é assinalado pelo encadeamento do portal com o vão de iluminação do coro-alto e com o nicho/o óculo (caso exista) e a cruz que coroa a empena. Quase todas as fachadas concentram toda a ornamentação arquitetónica neste eixo vertical central, exceto no caso de Gulpilhares, que apesar de ter o eixo central mais evidenciado apresenta a fachada dividida em três registos verticais, marcados por pilastras que convergem para o remate composto por segmentos curvos e volutas. O eixo central das fachadas das igrejas de Fornos e de Paços de Brandão são semelhantes em tudo, até nos elementos decorativos, acontecimento que pode não ser alheio ao facto de se tratar de igrejas que tinham como padroeiro o bispo do Porto. Este formato é característico do século XVIII, tendo transitado de forma muito simplificada para dois edifícios da segunda metade do século XIX, Mansores e Esmoriz.

g)...em destaque, numa estrutura arquitetónica marcada por pilastras. As fachadas de Grijó e de Cucujães não têm um só vão de iluminação, todavia, a janela central, no alinhamento do portal principal, é consideravelmente maior do que os restantes e efetivamente um elemento com grande destaque. Nestas duas igrejas, bem como em S. Félix da Marinha, a fachada é igualmente constituída por dois nichos laterais, mesmo assim a face do edifício é consideravelmente marcada pelas pilastras que a animam e pelo portal principal encimado pelo vão de iluminação do coro-alto. Em Cucujães evidencia-se a largura das pilastras e a sua articulação com o frontão que coroa a fachada. A fachada da igreja do antigo Mosteiro dos Lóios de Santa Maria da Feira, ladeada por duas torres sineiras, é dividida por dois registos horizontais, delimitados

por entablamento e coroados por empena, e três registos verticais: ao centro o portal axial encimado por frontão triangular, dividido pelo entablamento do vão de iluminação do coro-alto com moldura retilínea, seguido de novo entablamento que serve de base à empena, onde se localiza, em médio-relevo, a representação de uma águia (símbolo de S. João Baptista, padroeiro dos Lóios), seguida, no cume da empena, por uma espécie de acrotério envolto por volutas e encimado por mitra e cruz cardinalícia; nos flancos, cada registo apresenta três pilastras jónicas no rés do chão, que animam o entablamento que as divide do primeiro andar, onde têm continuidade com pilastras robustas (sem seguirem uma ordem concreta, nem Dórica nem Toscana<sup>122</sup>), marcadas no entablamento que sustenta a empena e continuadas na próprio empena — as pilastras dos flancos terminam nos vértices da empena coroadas por pináculos, enquanto as duas pilastras internas culminam, de forma escalonada, no interior da empena encimadas por elemento vegetalista enrolado. A fachada da igreja de Sandim é a mais antiga com torre ao centro da fachada, datada de 1712, conforme inscrição. A fachada de Sanfins evidencia-se pelo forte pendor clássico, nomeadamente na utilização de pilastras que sustentam um entablamento composto por arquitrave, friso com métopas e tríglifos, e cornija saliente. Estas características encontram-se em edifícios do século XVII ao século XIX.

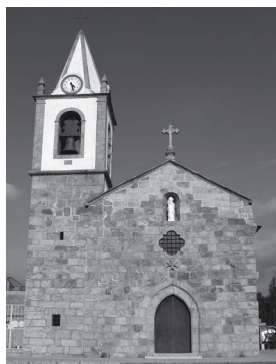
h) ... dividido por mainel, em duas ou três partes iguais. Só encontramos esta situação em fachadas do século XX, porém, as janelas geminadas eram bastante utilizadas na Idade Média e no Renascimento.

**2. TIPOLOGIA II** — Fachadas com dois vãos de iluminação no registo horizontal, superior ao portal principal...

a) ... de verga reta ou em arco de volta perfeita. Trata-se de uma solução simples de um portal e duas janelas, numa composição arquitetónica coroada por empena, exceto em Cesar que culmina numa cimalha convexa dupla. A cronologia destas fachadas vai de inícios do século XIX aos primeiros anos do século XX, sendo o caso de Beduído peculiar. A fachada de Beduído foi construída no início do século XVIII, com um portal do século XVI, e bastante intervencionada no início do século XX.

b) ... encimado por um nicho ou vão de iluminação, numa solução muito próxima da composição arquitetónica do ponto «a», sendo acrescentado o nicho com a figura do orago, ou no caso particular de Macinhata da Seixa um vão de iluminação em detrimento do nicho. Esta solução é encontrada em fachadas de finais do século XVII a

<sup>122</sup> Ao contrário da ordem arquitetónica defendida pelo Renascimento que previa a sobreposição de ordens, começando na base pela mais robusta (dórica ou toscana) que sustentaria a mais delicada (jónica), no andar superior (FORSSMAN, 1990: 30).



**Fig. 1. Rio Meão**  
(Tip. I, Grupo 1 - a)



**Fig. 2. Madalena**  
(Tip. I, G.2 - a)



**Fig. 3. Cortegaça**  
(Tip. I, G.2 - b)



**Fig. 4. Perosinho**  
(Tip. I, G.2 - d.1)



**Fig. 5. Vila Chã**  
(Tip. I, G.2 - e)



**Fig. 6. Paços de Brandão**  
(Tip. I, G.2 - f)



**Fig. 7. Grijó**  
(Tip. I, G.2 - g)



**Fig. 8. Nogueira da Regedoura**  
(Tip. I, G.2 - h)



inícios do século XX. Nas fachadas de finais do século XVII a inícios do século XVIII, as janelas do coro-alto embora se encontrem no mesmo eixo horizontal do nicho nem sempre estão alinhadas com ele, e são maiores e rematadas de forma diferenciada, por norma com frontão triangular, seja interrompido ou não. Em Oliveira de Azeméis esta assimetria dos vãos em relação ao nicho é completamente quebrada e assume-se uma total simetria de todos os vãos em relação ao nicho, incluindo os vãos das duas torres sineiras. O próprio remate das janelas é feito em alternância entre frontão triangular interrompido e frontão curvo interrompido. As janelas das torres sineiras são mais pequenas, mas a altura a que se encontram corresponde exatamente ao alinhamento da altura das janelas do corpo da igreja. Em Avanca, a fachada, construída entre ca.1727 e 1729, apresenta um eixo vertical central bastante evidenciado pela decoração arquitetónica com cartelas e enrolamentos de cariz maneirista. Este eixo é constituído pelo portal principal, seguido de uma grande cartela, encimada pelo nicho com a imagem do orago, com óculo quadrilobado ligeiramente acima. O óculo é inserido em cartela rematada por uma coroa fechada possivelmente com uma cruz (atualmente amputada) aposta à base da varanda, que se abre na empena. Esta varanda é caso único na Comarca Eclesiástica da Feira. Todavia os dois vãos de iluminação do coro-alto quer pela sua configuração, quer pela sua dimensão, suavizam a verticalidade desse eixo. As molduras das duas janelas do coro-alto figuram como uma espécie de cartela maneirista vazada pelo vão, mais uma situação excepcional no contexto deste estudo. Em meados do século XVIII surgem mais duas fachadas com estrutura arquitetónica semelhante, diferenciada unicamente na posição da torre sineira, Bunheiro e Válega. Considerando que Bunheiro pertencia à Comenda de Santa Marinha de Avanca (Ordem de Cristo), freguesia vizinha de Válega, é possível que a influência de Válega (padroado do Cabido da Sé do Porto) tenha tido alguma ligação ao padroeiro de Bunheiro. Situação semelhante acontece com as fachadas de Arrifana (padroado dos Condes da Feira/Casa do Infantado) e S. Martinho da Gândara (padroado da Comenda de S. Vicente de Pereira — Ordem de Cristo), em que a solução arquitetónica é semelhante, embora diferenciada nos pormenores decorativos e no tratamento da cimalha. Este caso pode estar relacionado com a relativa proximidade geográfica entre estas freguesias. Com a fachada da igreja de Ovar, obra do arquiteto Luís Inácio de Barros Lima (Porto), de 1834, regressa-se a uma linguagem arquitetónica de proporcionalidade e simetria entre os vãos de iluminação, incluindo os vãos das duas torres sineiras, e o nicho. Nesta solução há uma preferência pela empena no remate dos edifícios.



Fig. 9. Beduído (Tip.II - a)



Fig. 10. Oliveira de Azeméis (Tip.II - b)

### 3. TIPOLOGIA III – Fachadas com torre sineira ao centro.

Nas soluções arquitetónicas anteriores já foram integradas algumas fachadas com torre sobre a empena, que correspondiam integralmente às soluções analisadas. Aqui serão destacadas as igrejas que tendo uma torre sineira ao centro, distinguem-se nas soluções arquitetónicas apresentadas.

- a) Fachadas com torre sineira ao centro, destacada (Santa Maria de Lamas e Junqueira) ou marcada (S. João da Madeira). Os três casos, construídos entre finais do século XIX e inícios do século XX, apresentam um ritmo de vãos composto por portal axial ladeado por dois óculos ou janelas de peitoril, e três vãos ao nível do coro-alto, um na torre os outros nos flancos.
- b) Fachadas com torre sineira ao centro e três vãos de iluminação no registo horizontal superior ao portal principal. É a solução encontrada nas fachadas de Souto (ca. 1880-1884) e Travanca (reedificada em 1953-54).
- c) Fachadas com torre sineira ao centro, constituídas por dois vãos de iluminação laterais ao portal e dois / três vãos de iluminação no registo horizontal superior. Esta solução deriva da solução «a», não apresentando aqui a torre destacada ou marcada no corpo da fachada, simplesmente sobreposta à empena. As três fachadas que se inserem nesta solução são de finais do século XIX a inícios do século XX, com portal em arco de volta perfeita e vãos de iluminação retilíneos (Fiães e Ossela) ou igualmente em arco de volta perfeita (Romariz).



**Fig. 11. S. João da  
Madeira (Tip.III - a)**



**Fig. 12. Souto  
(Tip.III - b)**



**Fig 13. Ossela  
(Tip. III - c)**

Tabela 3. Organização tipológica das fachadas, com respetiva datação e autoria do risco

<b>TIPOLOGIA I – FACHADAS COM UM VÃO DE ILUMINAÇÃO, EM DESTAQUE, NO ALINHAMENTO DO PORTAL PRINCIPAL</b>						
<b>GRUPO I – FACHADAS COM ÓCULOS quadrilobados (a), ovais (b) ou circulares (c)</b>						
<b>Grupo I – a</b>						
<b>Rio Meão</b> (renovação da fachada na década de 1740; torre de 1874)	<b>Ossela</b> (renovação da fachada e construção da torre em meados do séc. XVIII)	<b>Pindelo</b> (renovada em 1792)	<b>Lourosa</b> (finais do séc. XVII - inícios do séc. XVIII)	<b>Arada</b> (1ª met. do séc. XVIII)	<b>Avintes</b> (fachada concluída em 1762, a torre é posterior)	<b>Castanheira do Vouga</b> (1758)
<b>Grupo I – b</b>						
<b>Canelas</b> (1779)		<b>Agadão</b> (1ª met. do séc. XVIII)	<b>Santa Marinha</b> (1745-1749, Arq.º Nicolau Nasoni; torre de 1894)	<b>Silvalde</b> (c. 1919)		
<b>Grupo I – c</b>						
<b>Vila Cova de Perrinho</b> (Inícios do séc. XVIII)	<b>Seixezelo</b> (1820)	<b>Louredo</b> (1909)	<b>Madail</b> (1940-1942, Arq.º Rogério de Azevedo)			

<b>GRUPO 2 – FACHADAS COM UM VÃO DE ILUMINAÇÃO DE CARIZ RETILÍNEO</b> – e um portal de verga reta (a); com tratamento destacado em relação ao portal (b); e portal de verga reta encimado por frontão triangular/segmento de frontão em reta contracurvada (c); com portal unido ao vão de iluminação (d); e um portal encimado por cornija ladeada por dois pináculos (e); inserido num eixo vertical marcado desde o portal à empena (f); em destaque, numa estrutura arquitetónica marcada por pilastras (g); dividido em duas ou três partes iguais (h)						
<b>Grupo 2 – a</b>						
<b>Madalena</b> (finais do séc. XVII a inícios do séc. XVIII)	<b>Junqueira</b> (renovação da fachada e construção da torre em 1790)	<b>Lever</b> (1926)	<b>Vale</b> (reedificada em 1928)	<b>Pigeiros</b> (obra da década de 1740, reedificada entre 1843 e 1849)	<b>Sermonde</b> (1876-1877)	
<b>Grupo 2 – b</b>						
<b>Guisande</b> (construção da torre e possível renovação da fachada em 1764)	<b>Oleiros</b> (1885)	<b>Cortegaça</b> (1910)	<b>Oliveira do Douro</b> (finais do séc. XVII a 1704)	<b>Gião</b> (renovação da fachada e construção da torre em finais do séc. XVIII)	<b>Canedo</b> (1800)	<b>Mafamude</b> (c. 1800-1849)
<b>Grupo 2 – d. 1 (... através de frontão)</b>						
<b>Espargo</b> (c. 1729)	<b>Vila Maior</b> (finais da 1ª met. do séc. XVIII; torre de 1908)	<b>Canidelo</b> (1739)	<b>Perosinho</b> (1802)	<b>Serzedo</b> (inícios do séc. XIX)	<b>S. Jorge</b> (c.1732-1735)	<b>Pardilhó</b> (c. 1812-1823)
<b>Grupo 2 – d. 2 (... através de elemento pétreo com formato convexo nas extremidades)</b>						
<b>Arcozelo</b> (finais do séc. XVII/ inícios do séc. XVIII)	<b>Escariz</b> (construção da torre e possível reedificação da fachada em 1799)	<b>Fernedo</b> (reedificação da fachada c. 1840)	<b>Olival</b> (1852)	<b>Valadares</b> (1875)	<b>Paramos</b> (c.1886-1888; conclusão da torre em 1888)	<b>S. Miguel do Mato</b> (1935)
<b>Grupo 2 – d. 3 (... através de duas «linhas» pétreas convexas)</b>						
<b>Vilar do Paraíso</b> (reformada no séc. XIX)	<b>Guetim</b> (1872)					

<b>Grupo 2 - e</b>						
<b>Veiros</b> (c. 1608-1612)	<b>Macieira de Cambra</b> (c. 1673)	<b>Vila Chã</b> (inícios do séc. XVIII)	<b>Murtosa</b> (c. 1720-1730)	<b>Escapães</b> (1731)	<b>S. Roque</b> (reedificada depois de 1736)	<b>Codal</b> (renovada em 1797)
<b>Carregosa</b> (finais do séc. XVIII/ inícios do século XVIII, com reforma posterior)						
<b>Grupo 2 - f</b>						
<b>Vilar de Andorinho</b> (Inícios do séc. XVIII)	<b>Roge</b> (1ª met. do séc. XVIII)	<b>Fornos</b> (1739)	<b>Nogueira do Cravo</b> (c. 1732-1739)	<b>Paços de Brandão</b> (c. 1758)	<b>Gulpilhares</b> (c. 1784-1787, por Manuel Martins Moura, do Porto)	<b>Anta</b> (2ª met. do séc. XVIII)
<b>Mansores</b> (c. 1861-1864)						
<b>Grupo 2 - g</b>						
<b>Grijó</b> (c. 1612-1629, segundo o risco do Arq.º Francisco Velasques, de Toro – província de Zamora)	<b>Santa Maria da Feira</b> (c. 1693-1743, pelo construtor Domingos Moreira, de Moreira da Maia)	<b>Sandim</b> (1712)	<b>Cucujães</b> (reedificação c. 1792-1795, segundo risco de Frei Vilaça)	<b>S. Félix da Marinha</b> (c. 1824)	<b>Sanfins</b> (1832)	
<b>Grupo 2 - h</b>						
<b>Pedroso</b> (reedificação de 1929)	<b>Nogueira da Regedoura</b> (1924-1925)	<b>Duas Igrejas</b> (c. 1958-1960)	<b>Macieira de Sarnes</b> (1959, segundo projeto do Arq.º Fernando Lanhas)			

TIPOLOGIA II – FACHADAS COM DOIS VÃOS DE ILUMINAÇÃO NO REGISTO HORIZONTAL., SUPERIOR AO PORTAL PRINCIPAL – de verga reta/em arco de volta perfeita (a); de cariz retilíneo e portal axial encimado por um nicho ou vão de iluminação (b)						
<b>Tip. II – a</b>						
<b>Beduído</b> (Construída no início do séc. XVIII e intervencionada em 1910; portal do séc. XVI; torre aumentada para o dobro em 1922)	<b>Cesar</b> (c. 1802-1810, pelo mestre-de-obras António Álvares; revestimento azulejar c. 1954)	<b>S. Pedro de Castelões</b> (1885, encomenda do Comendador J. H. T. Bastos)	<b>Milheiros de Poiares</b> (1904)			
<b>Tip. II – b</b>						
<b>S. João de Ver</b> (finais do séc. XVII)	<b>Sanguedo</b> (séc. XVII-XVIII)	<b>Lobão</b> (inícios do séc. XVIII)	<b>Riba UI</b> (c. 1712)	<b>Macinhata da Seixa</b> (1716)	<b>Oliveira de Azeiméis</b> (c. 1716-1726)	<b>Avanca</b> (c. 1727-1749)
<b>Bunheiro</b> (c. 1741-1755)	<b>Válega</b> (c.1746-1788)	<b>Mosteiró</b> (c. 1758)	<b>S. Vicente de Pereira</b> (c.1756-1764)	<b>Arrifana</b> (1767)	<b>S. Martinho da Gândara</b> (c. 1771-1780)	<b>UI</b> (c.1770-1790)
<b>Arões</b> (1777)	<b>Ovar</b> (1834, segundo risco do Arq.º Luís Inácio de Barros Lima, do Porto)	<b>Mozelos</b> (década de 1850/1860)	<b>Argoncilhe</b> (Reedificação c. 1864-1873)	<b>Fajões</b> (c. 1877-1880)	<b>Maceda</b> (c. 1918-1928, pelo mestre-de-obras Manuel Soares de Almeida, de Arada)	<b>Loureiro</b> (1925)

TIPOLOGIA III – FACHADAS COM TORRE SINEIRA AO CENTRO – destacada ou marcada (a); e três vãos de iluminação no registo horizontal superior ao portal principal (b); dois vãos de iluminação laterais ao portal e dois/três vãos de iluminação no registo horizontal superior (c)				
<b>Tip. III – a</b>				
<b>S. João da Madeira</b> (1884)	<b>Santa Maria de Lamas</b> (c. 1920-1926)	<b>Junqueira</b> (1945)		
<b>Tip. III – b</b>				
<b>Souto</b> (c. 1880-1884)	<b>Travanca</b> (Reedificação em 1953-1954)			
<b>Tip. III – c</b>				
<b>Fiães</b> (c. 1880-1884)	<b>Ossela</b> (c. 1882-1909)	<b>Romariz</b> (1930)		



### 1.3. Em jeito de conclusão

Perante esta análise pode concluir-se que as fachadas se encontram de acordo com os critérios apresentados pelos tratados de S. Carlos Borromeu e são ainda reflexo da importância da tradição greco-romana, documentada por Vitruvius.

As fachadas em estudo assumem características formais no corpo da igreja, regra geral, completamente autónomas em relação à(s) torre(s) sineira(s).

A estrutura arquitetónica vigente nos séculos XVII e XVIII vai ser continuada, de forma mais simplificada e adaptada à nova linguagem decorativa, nos séculos XIX e XX, sobretudo no que respeita às fachadas compostas unicamente por um portal axial encimado por um vão de iluminação ou por um portal e dois vãos de iluminação do registo horizontal correspondente ao coro-alto.

As pilastras assumem-se, sobretudo na arquitetura mais erudita dos séculos XVII e XVIII, como é o caso de Grijó e Santa Maria da Feira, como um elemento diferenciador, que irá animar fachadas mais singelas, como Sandim, de 1712, ou S. Félix da Marinha e Sanfins, ambas de inícios do século XIX. Nos restantes edifícios as pilastras remetem-se quase exclusivamente para a circunscrição da face do corpo da igreja ou das torres sineiras.

O remate da fachada é preferencialmente em empena angular, embora existam coroamentos sinuosos em 14 exemplares setecentistas, 8 oitocentistas e 3 novecentistas.

Nos séculos XVII e XVIII evidenciam-se as fachadas com portal de verga reta, com friso e cornija, sobre a qual assenta a janela do coro-alto e dois pináculos. No século XVIII destaca-se a utilização do óculo quadrilobado.

A primeira tipologia apresenta-se em maior número. A terceira tipologia é a menos representativa e encontra-se numa cronologia muito mais restrita, de finais do século XIX a inícios do século XX.

## FONTES

BLUTEAU, Raphael (1713) – *Vocabulario Portuguez e Latino....* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. vol. IV.

BORROMEO, Carlos (1577) – *Instructionum fabricae et supellectilis ecclesiasticae libri II*. Mediolani: apud Pacificum Pontium.

\_\_\_\_ (1747) – *Instructionum fabricae et supellectilis ecclesiasticae libri II*. Mediolani: apud Benjamin de Sitoris.

\_\_\_\_ (1985) – *Instrucciones de la Fábrica y del Ajuar Eclesiásticos*. Introdução, notas e tradução do latim – da primeira edição, publicada em 1577 – de Bulmaro Reyes Coria. México: Universidad Nacional Autónoma de México.

VITRÚVIO (2009) – *Tratado de Arquitectura*. Introdução, notas e tradução do latim – da primeira edição do século I a.C. – de M. Justino Maciel. 3ª ed. Lisboa: Instituto Superior Técnico.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1966) – *Carácter Mágico do Toque das Campanhas*. «Revista de Etnografia», vol. 6, tomo 2. Porto: Museu de Etnografia e História do Porto, p. 339-370.
- BENTO XVI (2007) – *Angelus. Domingo, 4 de novembro de 2007*. Roma: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em < [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_ang\\_20071104.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2007/documents/hf_ben-xvi_ang_20071104.html) >.
- FORSSMAN, Erik (1990) – *Dórico, Jónico e Coríntio na Arquitectura dos Séculos XVI-XVIII*. Lisboa: Editorial Presença.
- KUBLER, George (2005) – *A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as especiarias e os diamantes (1521-1706)*. 2ª ed. Lisboa: Vega.
- QUINTÃO, José César Vasconcelos (2005) – *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referência Clássico. Uma sistematização Classificativa*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- SILVA, Jorge Henrique Pais da (1992) – *Páginas de História da Arte. 1. Artistas e Monumentos*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Estampa.
- VECHINA, Sofia Nunes (2012) – *O reflexo da arte internacional nos azulejos policromos de Válega*. «Revista População e Sociedade», n.º 20. Porto: CEPSE/Edições Afrontamento, p. 111-127.
- \_\_\_\_ (2017) – *Dinâmica Artística na Antiga Comarca da Feira*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento.